



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Experiências de acolhimento de jovens em risco: fatores diferenciadores de um percurso de (in)sucesso

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de mestre em **Psicologia Clínica e da
Saúde**.

Catarina Alexandra De Magalhães Teixeira

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO 2015



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Experiências de acolhimento de jovens em risco: fatores diferenciadores de um percurso de (in)sucesso

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de mestre em **Psicologia Clínica e da
Saúde**.

Catarina Alexandra De Magalhães Teixeira

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Armada Paula
Cunha Gonçalves**

Agradecimentos

A realização desta investigação contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado possível realizar e por essa razão não posso deixar de mencionar e agradecer às pessoas que para ela contribuíram.

À Professora Doutora Armanda Gonçalves, minha orientadora, pela orientação, apoio e conhecimentos transmitidos ao longo de todo o percurso.

Às colegas de investigação, em especial à Ana Lage, pela amizade e companheirismo sempre presente no decurso deste trabalho contribuindo de forma preciosa para a realização do mesmo.

Ao Lar de Infância e Juventude que nos abriu as suas portas e nos recebeu com todo o carinho.

Aos técnicos pela disponibilidade e pela partilha tão generosa de conhecimentos.

Aos professores pela disponibilidade e palavras de apreço e incentivo.

E por fim, um agradecimento especial aos jovens protagonistas destas histórias de vida. Obrigada pela partilha e pela simpatia com que nos receberam. Obrigada por tornarem possível a concretização deste projeto.

A todos o meu sincero obrigada!

Resumo

Portugal apresenta um elevado universo de jovens em situação de risco. O acolhimento institucional tem sido a resposta mais utilizada para proteger e promover os direitos desses jovens. Com o objetivo de identificar e compreender os fatores diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso no processo de acolhimento, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, que segue a abordagem de dois estudos de caso instrumentais. A amostra foi constituída por dois jovens de um lar de infância e juventude, dois técnicos e dois professores. A recolha de dados foi realizada através de análise processual, entrevistas semiestruturadas, Questionário de Auto-Avaliação para jovens, Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, Questionário de Ligação a Professores e Funcionários e do Ecomapa. Os resultados indicam que fatores como o acolhimento precoce, um positivo envolvimento e apoio da família no processo de acolhimento, a escola como meio de promoção de redes sociais e bons resultados académicos e a comunidade enquanto fonte de apoio e inclusão social favorecem um percurso de sucesso. Torna-se essencial perspetivar os diferentes domínios das vidas dos jovens como um todo, capaz de influenciar as experiências de acolhimento, procurando promover os fatores que favorecem um percurso de sucesso.

Palavras-chave: acolhimento institucional; crianças e jovens em risco; família; escola; comunidade

Abstract

The Portugal presents a large universe of youngsters at risk. The institutional response has been host more used to protect and promote the rights of these young people. In order to identify and understand the differentiating factors of a success and failure in the process of institutional, we conducted a study of nature qualitative, which follows the approach of two instrumental case studies. The sample was consisting of two young men of an home of childhood and youth, two technicians and two teachers. Data collection was performed through procedural analysis, interviews semi-structured questionnaire, Questionnaire of Linking to the Father and the Mother, the questionnaire, teachers and staff and Ecomapa. The results indicate that factors such as the early reception, a positive involvement and support of the family in the host process, the school as a means of promotion of social networks and good academic results and the community as a source support and encourage social inclusion a success. One becomes essential perspective the different dominions of the lives of the young ones as a whole, capable one to influence the shelter experiences, being looked for to promote the factors that favor a success passage.

Keywords: institutional host; children and young people at risk; family; school; community

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice.....	iv
Lista de Apêndices.....	v
Lista de Abreviaturas.....	vi
Introdução.....	1
1. Acolhimento institucional: aspetos positivos e negativos.....	3
2. Caracterização dos sistemas ecológicos de jovens em risco.....	5
a. Família.....	5
b. Instituição.....	6
c. Escola.....	7
d. Comunidade.....	8
3. Método.....	9
3.1 Abordagem do estudo.....	10
3.2 Amostragem e participantes.....	11
3.3 Instrumentos.....	13
3.4 Procedimentos.....	14
4. Resultados.....	15
4.1 Resultados dos instrumentos de autorrelato e projetivos.....	15
4.1.1 Questionário de Auto-Avaliação para Jovens.....	15
4.1.2 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe.....	16
4.1.3 Questionário de Ligação a Professores e Funcionários.....	17
4.1.4 Ecomapa.....	17
4.2 Resultados da análise dos conteúdos das entrevistas.....	18
5. Discussão.....	22
6. Conclusão.....	26
Referências bibliográficas.....	26
Apêndices.....	31

Lista de Apêndices

Apêndice A – Fatores de sucesso vs insucesso em acolhimento institucional

Apêndice B – Entrevista a Jovens em Acolhimento Institucional

Apêndice C – Entrevista aos Técnicos de Jovens em Acolhimento Institucional

Apêndice D – Entrevista aos Professores de Jovens em Acolhimento Institucional

Apêndice E – Carta de Apresentação à Instituição

Apêndice F – Consentimento Informado

Apêndice G – Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao técnico do jovem A e técnico do jovem B

Apêndice H – Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao jovem A e jovem B

Apêndice I – Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao professor do jovem A e professor do jovem B

Lista de Abreviaturas

LIJ – Lar de Infância e Juventude

PSEI – Plano Sócio-Educativo Individual

Introdução

O atual quadro jurídico-legal português tem definido que quando as condições consideradas fundamentais para o desenvolvimento e bem-estar de um jovem não estiverem garantidas e os pais ou representantes legais não as poderem assegurar ou as comprometem, cabe ao Estado proteger e promover os direitos do menor em situação de perigo. Para o efeito deve-se recorrer e respeitar os princípios definidos na Lei de Proteção Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº31/2003, de 22 de Agosto). De entre o leque de medidas de promoção e proteção encontra-se o acolhimento institucional (Matos, 2014). Este tipo de acolhimento consiste numa resposta de carácter transitório e temporário que visa promover o desenvolvimento integral dos jovens e a elaboração e persecução de um projeto de vida (Neves, 2012).

No que diz respeito, especificamente, aos Lares de Infância e Juventude (LIJs), estes visam um acolhimento de carácter prolongado com duração superior a seis meses, embora sujeito à revisão periódica da medida. Os LIJs têm como objetivo proporcionar aos jovens estruturas de vida o mais aproximado possível às das suas famílias, de maneira a assegurar o seu desenvolvimento global e a criar condições para a definição dos projetos de vida. Considerando o universo de crianças/jovens acolhidas (8.445), verifica-se que nos LIJs se encontra a maioria desta população (5.492) (65%), o que indica domínio da resposta de acolhimento prolongado (Instituto de Segurança Social, 2014).

Apesar do decréscimo no número de jovens acolhidos, este continua a ser bastante significativo e expressivo do recurso à medida para promover e proteger os direitos dos jovens em risco. Contudo, o recurso a esta medida não se constitui por si só uma garantia para que os jovens realizem e/ou construam percursos de sucesso. Deste modo, temos como objetivo identificar e compreender os fatores diferenciadores de um percurso de sucesso/insucesso no processo de acolhimento institucional. Esta escolha prendeu-se com o facto de considerarmos que esta realidade não pode ser descurada e porque os estudos realizados neste âmbito são bastante limitados. Pretendemos assim contribuir para a identificação destes fatores para que se possam reajustar modos de atuação e intervenção com esta população, permitindo um aumento do número de casos com percursos de sucesso.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes, onde se apresenta uma revisão teórica da temática investigada, a metodologia que orientou a investigação

e por fim os resultados obtidos e a respetiva discussão e conclusão.

Apesar de ser nosso objetivo a recolha de dados nos diferentes sistemas dos jovens deparamo-nos com o facto de as famílias não aceitarem colaborar, constituindo-se uma limitação.

Os resultados indicam que fatores como o acolhimento precoce, um positivo envolvimento e apoio da família no processo de acolhimento, a escola como meio de promoção de redes sociais e bons resultados académicos e a comunidade enquanto fonte de apoio e inclusão social favorecem um percurso de sucesso.

Atendendo que a informação apresentada se sobrepõe a crianças e jovens importa referir que só iremos utilizar o termo “jovens” uma vez que a investigação foi realizada esta população e deste modo facilita o processo de escrita.

1. Acolhimento institucional: aspetos positivos e negativos

O acolhimento institucional pretende pôr fim a um percurso marcado por acontecimentos adversos de vida afastando os jovens do perigo em que se encontram e proporcionar-lhes condições necessárias ao desenvolvimento integral, ou seja, em termos de saúde, educação, segurança, formação e/ou desenvolvimento (Crodovil, Crujo, Vila-riça, & Caldeira da Silva, 2011; Andrade, Santos, Costa, & Souza, 2014).

Embora a medida deva ser a última a aplicar em termos de proteção de jovens em risco, é aquela que apresenta maior expressão em Portugal (Andrade et al., 2014). Todavia, a medida parece dividir opiniões quando se trata de discutir o melhor ambiente para o desenvolvimento dos jovens.

Segundo Moré e Sperancetta (2010), o acolhimento pode constituir-se ou não um risco para o desenvolvimento dos jovens, uma vez que a qualidade do ambiente físico e dos cuidados prestados influenciam este processo. Ainda assim, há autores que consideram que o ambiente institucional não é o melhor para o desenvolvimento dos jovens. Por mais familiar que o ambiente possa ser estes encontram-se numa situação de grande fragilidade emocional, e ainda que retirados de meios onde vivenciam maus-tratos e negligência, nem sempre é possível superar o sentimento de perda e abandono. Deste modo, existem fatores associados ao processo de acolhimento que podem ter repercussões negativas, tais como: sentimentos de punição, estigmatização e discriminação social, demissão e diminuição da responsabilidade parental e familiar e promoção da patologia do vínculo (Gomes, 2010).

A convivência em instituições tem características específicas que são inultrapassáveis, como: a) uma convivência geralmente mais alargada do que a familiar; b) ser entre jovens que sofreram adversidades ao longo da vida; c) ser mais fechada em relação ao mundo exterior do que a que normalmente as famílias proporcionam; d) impor rotinas mais rígidas do que as que geralmente existem numa casa familiar; e) e oferecer menos oportunidades para adquirir ou praticar novas aptidões, bem como reforçar ou elogiar (Faria, Salgueiro, Trigo, & Alberto, 2008). Além destes fatores, o atendimento padronizado, o elevado número de jovens por cuidador, a falta de atividades planeadas e a fragilidade das redes de apoio social e afetivo podem constituir-se como aspetos prejudiciais (Siqueira & Dell'Aglio, 2006; Moré & Sperancetta, 2010).

Moré e Sperancetta (2010), consideram que a permanência por longos períodos de tempo numa instituição pode constituir-se uma ameaça à rutura de vínculos familiares e à dificuldade em formar novos laços afetivos por parte dos jovens. Embora o acolhimento tenha como principal objetivo proteger o jovem, se este for prolongado poderá acarretar sequelas com graves implicações no desenvolvimento psíquico e emocional destes.

A fim de prevenir os riscos associados ao acolhimento, deve-se ter em consideração os seguintes princípios: a) duração temporal do acolhimento, deve ser de carácter transitório e decorrer num curto espaço de tempo; b) definição do projeto de vida, a fim de garantir as necessidades de segurança e afeto do jovem, fundamentais para o desenvolvimento; c) participação ativa do jovem na construção do projeto de vida, sempre que apresente idade e capacidade para o fazer; e d) os cuidados prestados ao jovem devem assegurar a continuidade da relação de qualidade estabelecida com os adultos cuidadores e com os pares (Gomes, 2010).

Todavia, nem tudo é negativo nesta medida. Há autores que têm uma perspetiva mais positiva. Estes vêem no acolhimento uma oportunidade que poderá ser a melhor saída para os jovens que experienciam situações adversas juntos das famílias (Dell'Aglio, 2000). Martins e Szymanski (2004), apontam que a instituição, enquanto espaço de interação, pode fortalecer o espírito de cooperação e ajuda ao próximo. Além disso, assume um papel importante na vida dos jovens, pois é nestes contextos que desenvolvem atividades planeadas, lúdicas e escolares, cooperam e disputam com outros jovens, adotam uma rotina de limpeza e higiene e estabelecem relações afetivas com jovens das suas idades e com pessoas mais velhas (Siqueira, Betts, & Dell'Aglio, 2006).

Um estudo desenvolvido por Arpini (2003, cit. por Siqueira & Dell'Aglio, 2006) com adolescentes evidenciou que os jovens que viveram a experiência de acolhimento a consideram o melhor período das suas vidas, relacionando-a com novos vínculos estabelecidos que se mantiveram mesmo após a saída da instituição.

As instituições podem fornecer recursos aos jovens que funcionam como mecanismos de proteção, se tiver a capacidade de prestar cuidados de saúde e alimentação adequados, proporcionar relações afetivas que favoreçam a autoestima e o sentimento de autoeficácia, atividades que simplifiquem o processo de adaptação escolar e social e elabore projetos de vida (Moré & Sperancetta, 2010).

De acordo Siqueira e Dell'Aglio (2006), as instituições constituem-se para estes

jovens, a fonte de apoio social mais próxima e organizada, desempenhando um papel fulcral no seu desenvolvimento. A rede social dos jovens alarga-se ao incluir-se os grupos de pares e os profissionais com quem convivem, além disso estes proporcionam apoio social e afetivo que operam como fator protetor.

O jovem integrado em acolhimento passa por uma experiência que envolve a perda das suas referências de vida, ou seja, o mundo que conhecia deixa de existir para dar lugar a um novo onde tem que reaprender a relacionar-se, a dar e receber, a esperar e corresponder (Andrade et al., 2014).

2. Caracterização dos sistemas ecológicos de jovens em risco

a. Família

Embora a família seja considerada a principal fonte de cuidados e de proteção aos jovens, algumas apresentam dificuldades em desempenhar o papel de prestadora de cuidados, a fornecedora de apoio e proteção aos filhos. Por ameaçarem ou violarem os direitos dos jovens, estes poderão ser conduzidos ao acolhimento. De entre os principais riscos no contexto familiar para o desenvolvimento do jovem, encontra-se: (i) a violência doméstica; (ii) uso de drogas por parte dos pais e negligência; (iii) e práticas parentais inadequadas. A presença de tais riscos pode ainda estar associada à violência contra o menor, uma das principais razões que leva ao acolhimento, uma vez que a violência física, psicológica, sexual, negligência e abandono são geralmente prevalentes no contexto doméstico (Lauz & Borges, 2013).

No que concerne à relação entre a instituição e as famílias dos jovens acolhidos, esta apresenta características peculiares, na medida em que podem existir dificuldades nos contactos estabelecidos entre ambas. Tal situação deve-se ao facto de os familiares terem receio de serem julgados pelos profissionais pelo seu fracasso e rejeição. Estes temem apresentar-se como maus pais perante bons pais que lhes podem roubar o afeto dos filhos (Capul & Lamay, 2005). Autores como Lauz e Borges (2013), referem que ainda atualmente muitos profissionais detêm uma visão crítica face às famílias destes jovens, pois consideram que estas não reúnem condições para educar e criar os filhos. Esta visão influência não só o processo de reinserção familiar do menor, como faz perpetuar a ideia de que a instituição é o melhor ambiente para os jovens.

Um estudo desenvolvido por Vasconcelos, Yunes, e Garcia (2009), aponta que a relação entre a família e a instituição se estabelece na base de sentimentos de desconfiança mútua. O estudo indica que as expectativas dos cuidadores em relação à família e o medo das críticas recebidas por parte destas ocasionam conflitos de comunicação que dificultam e adiam a reinserção do menor no ambiente familiar. Além disso, os profissionais parecem ter concebidas expectativas idealizadas e estereotipadas sobre os papéis, deveres e atitudes parentais que devem compor o ambiente familiar, como o tipo de amor, a maneira de demonstrar afeto, de cuidar, entre outros.

Manso, García-Baamonde, Alonso, e Barona (2011), consideram que uma adequada cooperação entre família e profissionais está positivamente relacionada com a autonomia e adaptação dos jovens à instituição. Facilmente se compreendem as vantagens e desvantagens do envolvimento da família em relação às instituições, se por um lado, pode favorecer o sentimento de pertença e o impacto do acolhimento ser positivo, por outro, pode circunscrever riscos como: imprevisível comportamento por parte dos familiares que podem decepcionar o jovem; a existência de confrontos entre a família e os funcionários; e promover efeito de modelagem em relação aos comportamentos desviantes das famílias (Nickerson, Brooks, Colby, Rickert, & Salamone, 2006).

b. Instituição

Para os jovens acolhidos a instituição passa a ser o seu principal ambiente e as pessoas com as quais convivem passam a integrar as suas redes de apoio social e afetiva (Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Esta rede é fundamental, na medida em que pode servir como fator protetor e desencadeador de processos de resiliência, pois as novas relações experienciadas e os tratamentos oferecidos servem como treino para um novo estilo de abordagem social (Zegers, 2007).

A qualidade das relações estabelecidas entre jovens e cuidadores é assim um fator importante no processo de recuperação do jovem (Sá, Grilo, & Trigo, 2008). Moré e Sperancetta (2010), referem que os profissionais tendem a constituir-se como referenciais de família, uma vez que podem funcionar como fonte de apoio, orientação e afeto. Estes poderão funcionar como mediadores da atenção, cognição, linguagem e emoções do jovem, aspetos fundamentais para o desenvolvimento psicossocial. Do mesmo modo, Matos e Mota (2010), consideram que as relações estabelecidas com as

figuras cuidadoras vão fomentando uma organização interna que promove o desenvolvimento de modelos internos dinâmicos mais positivos de si e dos outros nos jovens.

As relações estabelecidas entre funcionários e jovens podem alcançar a satisfação em muitas dimensões vinculativas necessárias, concedendo ao jovem uma maior sensação de confiança (Wentzel, 2002). Os funcionários representam, portanto, um papel importante no trabalho interno dos jovens, desenvolvendo limites internos e externos que se traduzem em maturidade. Contudo, estes são mais ou menos percebidos num papel de parentalidade sempre que os funcionários se encontram disponíveis para conter as angústias, medos, expectativas e alegrias dos jovens. A qualidade desta relação advém não só do carinho e afeto mas também dos limites impostos que são considerados elementos organizadores no mundo dos jovens (Mota & Matos, 2010).

c. Escola

Um dos importantes campos de investigação quando se fala em jovens em acolhimento é o desenvolvimento cognitivo, isto porque, o desempenho escolar e o nível intelectual são fatores individuais capazes de moderar os efeitos negativos do stresse, atuando como fator protetor e promotor de inclusão social (Siqueira & Dell’Aglia, 2010).

Porém, estes jovens acarretam consigo histórias de vida complexas que influenciam a vivência escolar (Santos, 2009). Ferreira e Marturano (2002), vão de encontro a esta perspetiva ao considerarem que jovens com experiências de vida difíceis ou problemas nas relações parentais podem evidenciar dificuldades de adaptação e de aproveitamento escolar. A este problema está associado um conjunto de fatores que impedem uma integração plena na escola, entre os quais: o auto-conceito, a autoestima, motivação, desinteresse, insucesso escolar, indisciplina, absentismo/abandono escolar, estigmatização e rotulação (Santos, 2009). Além disso, estes jovens são mais facilmente apontados como focos de indisciplina escolar e alvos de medidas que as afastam das escolas. Manter estes jovens à margem cria expectativas de insucesso e intensifica comportamentos disfuncionais que podem ir do isolamento à agressão (Faria et al., 2008).

Neste sentido, a literatura tem apontado para uma ressentida e desacreditada relação estabelecida entre jovens acolhidos e escola. Enquanto alunos, estes sentem que a escola é um lugar que nunca lhes pertenceu e estabelecem com ela uma relação alheada.

A falta de reconhecimento que é dada à escola em muito se deve ao facto de esta não reconhecer as vidas complexas e desprotegidas de que os jovens são protagonistas (Silva, 2010).

Abrantes (2011) refere que a rede de sociabilidade que estes jovens conseguem construir na escola é fundamental para promover o interesse pelo saber. Quando os jovens transmitem sentimentos negativos face à escola, estes são explicados pelo facto de esta lhes transmitir emoções negativas, geralmente associadas a sentimentos de incompreensão, estigmatização e interiorização de fracassos.

Para os jovens a relação estabelecida entre professor-aluno, bem como a relação entre funcionário da escola-aluno é muitas vezes vista como um prolongamento ou uma relação compensatória das relações parentais (Davis, 2003). Desta forma, professores e funcionários tornam-se figuras importantes no processo de regulação emocional e de integração psicossocial promovendo competências e permitindo simultaneamente a expressão das emoções experienciadas. A perceção por parte do jovem de que os adultos estão disponíveis para estabelecer uma relação é um fator positivo para alcançar os objetivos traçados a nível académico, social e/ou emocional (Wentzel, 2002).

Quando o professor se mostra disponível e com capacidade de escutar os jovens, estes sentem-se mais seguros e recetivos a uma futura ligação (Mota & Matos, 2010). Há semelhança dos professores, também os funcionários são muitas vezes percecionados como um porto seguro, pela qualidade da relação de proximidade que estabelecem com os jovens, sendo mais visível em jovens que se apresentem mais inseguros e emocionalmente vulneráveis (Hamre & Pianta, 2001). De acordo com Zegers (2007), os funcionários podem estimular os jovens no sentido de melhorarem a qualidade das suas relações e ajudar a colmatar os comportamentos problemáticos.

d. Comunidade

As instituições são abertas à comunidade envolvente e não só permitem a participação dos jovens em eventos da comunidade como promovem a participação (Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000). Todavia, aquilo que na realidade se verifica é que as vivências destes jovens na comunidade são geralmente pobres, o que limita os leques de relações e a possibilidade de suporte no meio envolvente (Goswami, 2012). Martins (2005), vai de encontro a esta perspetiva ao considerar que as

experiências comunitárias dos jovens são limitadas e diminuem as possibilidades de relacionamentos interpessoais para além dos da instituição, impedindo um processo de desenvolvimento “normalizado” (Arteaga & Del Valle, 2001). Goswami (2012), refere porém que o comprometimento com vizinhos adultos e o sentimento de pertença à comunidade funcionam como fatores que levam os jovens a adotar um papel social que confere valores, objetivos, identidade e sentimentos de vinculação para com a sociedade.

3. Método

Na investigação recorreremos a uma metodologia qualitativa. A abordagem é apropriada para o estudo de fenómenos específicos nos meios onde as interações se produzem naturalmente não havendo controlo ou manipulação de variáveis ou ainda para responder a questões que implicam a exploração, a descrição e a compreensão de comportamentos e interações. Em suma, serve para penetrar na significação das palavras e/ou comportamentos dos indivíduos em diferentes situações, as quais não são provocadas (Fortin, Côté, & Filion, 2009).

Em particular pretendemos através desta abordagem identificar e compreender os fatores diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de jovens em risco, de acordo com os seguintes objetivos específicos: 1) caracterizar o perfil dos jovens e compreender a relação entre fatores individuais e a experiência de sucesso/insucesso; 2) caracterizar os serviços e as experiências de acolhimento e compreender a relação entre fatores institucionais e a experiência de sucesso/insucesso; 3) caracterizar as famílias de origem e compreender a relação entre fatores familiares e a experiência de sucesso/insucesso; 4) caracterizar as experiências escolares e compreender a relação entre fatores escolares e a experiência de sucesso/insucesso; 5) e caracterizar a interação entre instituição e comunidade e compreender a relação entre fatores de interação entre instituição e comunidade e a experiência de sucesso/insucesso.

3.1 Abordagem do estudo

Nesta investigação foram conduzidos dois estudos de caso instrumentais (Stake, 1999, cit. in Creswell, 2014), dado que foi objetivo dos investigadores centrar-se numa questão/preocupação e a partir daí decorreu a seleção dos casos para ilustrar a questão. O estudo de caso permite explorar um sistema delimitado contemporâneo da vida real, um caso, ou múltiplos sistemas delimitados, vários casos, ao longo do tempo, através da recolha detalhada e em profundidade de dados que envolvem múltiplas fontes de informação, como observações, entrevistas, material audiovisual, documentos e relatórios, e relata uma descrição do caso e respetivos temas (Creswell, 2014).

Neste estudo foi crucial refletir e analisar o que se entende por percursos de sucesso e insucesso. Este trabalho foi desenvolvido em articulação com equipas multidisciplinares de diferentes instituições que se encontram no terreno e lidam diretamente com o tema, através do recurso a entrevistas, permitindo selecionar os critérios para a definição dos conceitos “sucesso/insucesso” (Apêndice A).

De acordo com as informações recolhidas, o sucesso compreende que o jovem tenha uma boa adaptação à instituição, compreenda e integre o motivo do acolhimento, manifeste a capacidade de estabelecer laços com elementos da instituição, tenha um processo de desenvolvimento e crescimento pessoal favorável, capacidade de autocrítica de reconhecimento de dificuldades, demonstre disponibilidade e envolvimento nas atividades propostas e apresente um projeto de vida no momento de saída da instituição. Ao invés, o insucesso compreende uma má adaptação à instituição, dificuldades em compreender e integrar o motivo do acolhimento, dificuldades e/ou incapacidade de estabelecer laços significativos com elementos da instituição, tenha um processo de desenvolvimento e crescimento pessoal desfavorável, pouca/nenhuma capacidade de autocrítica de reconhecimento de dificuldades, demonstre indisponibilidade ou fraco envolvimento nas atividades propostas e não apresente um projeto de vida no momento de saída da instituição.

Partindo dos critérios definidos para a seleção dos jovens importa referir os que estiveram presentes na seleção de cada um. No que se refere ao jovem A verifica-se uma boa adaptação à instituição; a compreensão e integração do motivo do acolhimento; a capacidade de estabelecer laços com elementos da instituição; um processo de desenvolvimento e crescimento pessoal favorável, compreendendo: sucesso académico, competências em estabelecer relacionamentos interpessoais e de autonomia,

ausência de indicadores de psicopatologia e dimensão do desenvolvimento moral desenvolvida; capacidade de autocrítica de reconhecimento de dificuldades; disponibilidade e envolvimento nas atividades propostas; e existência de um projeto de saída da instituição. Relativamente ao jovem B verifica-se uma má adaptação à instituição; dificuldades em compreender e integrar o motivo do acolhimento; dificuldades em construir laços significativos com elementos da instituição; um processo de desenvolvimento e crescimento pessoal desfavorável, compreendendo: resultados escolares mínimos no presente e histórico de insucesso, permanência dos problemas de comportamento, dificuldade em estabelecer relacionamentos interpessoais e desenvolver competências de autonomia, presença de indicadores de psicopatologia e dimensão do desenvolvimento moral não desenvolvida; pouca capacidade de autocrítica de reconhecimento de dificuldades; e fraco envolvimento nas atividades propostas.

De modo a dar resposta aos objetivos estabelecidos procedemos à recolha de informação em múltiplas fontes. No contexto institucional recorreremos aos técnicos mais próximos de cada jovem e no contexto escolar aos diretores de turma, procurado assim participantes com o maior número de informações sobre cada jovem.

3.2 Amostragem e participantes

Na seleção dos participantes recorreu-se a um processo de amostragem teórica. Flick (2005), considera que o princípio fundamental da amostragem teórica é a seleção de casos, partindo de critérios específicos relacionados com a temática. O processo de amostragem prossegue não com base na representatividade mas de acordo com a relevância. Neste sentido, a seleção dos casos foi realizada tendo por base os critérios previamente estabelecidos para a definição dos conceitos “sucesso/insucesso”.

No que respeita aos participantes importa referir que relativamente ao caso A, o jovem tem 17 anos e é do género masculino. Foi acolhido no LIJ aos 7 anos, juntamente com dois irmãos, tendo integrado anteriormente um Centro de Acolhimento Temporário. O agregado familiar é constituído pelos pais, pelos dois irmãos anteriormente referidos e por uma irmã também acolhida numa instituição. Na origem do acolhimento esteve a grave negligência na prestação de cuidados de higiene e alimentação por parte dos progenitores e a falta de acompanhamento escolar. Além disso, a relação entre os progenitores era bastante conflituosa e o pai exercia

violência doméstica sobre a mãe. O progenitor apresentava hábitos de consumo excessivo de álcool e envolvia-se em furtos. Atualmente a relação de A com a família é bastante cordial. No que concerne ao processo de integração na instituição, A adaptou-se bem à dinâmica e normas. Frequenta o 12.º ano, é um aluno motivado e empenhado, possui boas capacidades e obtém bons resultados. A técnica do jovem tem 36 anos, é Psicóloga, tem 7 anos de experiência profissional, conhece o jovem há 7 anos e é sua encarregada de educação. O professor tem 41 anos, leciona a disciplina de Educação Física, é diretor de turma do jovem há 3 anos e tem 18 anos de experiência profissional.

Relativamente ao caso B, o jovem tem 17 anos e é do género masculino. Foi acolhido aos 15 anos, sem história de acolhimentos. O agregado familiar é composto pelos pais e uma irmã mais velha. O motivo do acolhimento deve-se à ausência de suporte por parte dos progenitores. A mãe apresentava dificuldades económicas, falta de estabilidade emocional e problemas de alcoolismo, não tendo poder de supervisão sobre o filho. O pai é uma figura ausente, pois realizava constantemente viagens. Perante esta situação B foi integrado no agregado familiar de um tio que lhe tentava inculcar regras/hábitos “saudáveis”, contudo a mãe incentivava-o a não cumprir as regras, acabando por exercer pressão para que B entrasse numa instituição. Atualmente B mantém uma boa relação com a mãe e irmã, sendo o pai uma figura ausente. O processo de integração na instituição constituiu-se para si uma dificuldade, pois manifestou dificuldades em adaptar-se às normas e rotinas. Frequenta um curso de educação e formação, equivalente ao 9.º ano, onde atinge os objetivos mínimos requeridos pelo curso. É um aluno desmotivado, pouco empenhado e assíduo às aulas e manifesta comportamentos desadequados com os professores e colegas. A técnica do jovem tem 38 anos, é Psicóloga, tem 15 anos de experiência profissional, conhece o jovem há 2 anos e prestou-lhe acompanhamento psicológico. A professora tem 43 anos, leciona a disciplina de Cidadania e o Mundo Atual, é diretora de turma do jovem há 1 ano e tem 21 anos de experiência profissional.

Apesar de ser nosso objetivo incluir no grupo de participantes os familiares dos jovens estes não se mostraram disponíveis para participar.

3.3 Instrumentos

Para a realização da investigação foi necessário o recurso a um conjunto de instrumentos, os quais passamos a apresentar tendo em conta o objetivo de cada um.

De modo a caracterizar o perfil dos jovens procedemos num primeiro momento à análise processual, seguindo-se da realização de uma entrevista semiestruturada aos jovens (Apêndice B), realizada para o efeito, que procurou abordar domínios como a autoperceção, a instituição e experiência de acolhimento, a família, escola e amigos e a interação com a comunidade. Além disso, realizamos uma entrevista semiestruturada aos técnicos (Apêndice C) e professores (Apêndice D). A primeira procurou explorar os serviços da instituição, as experiências de acolhimento dos jovens, a interação entre a instituição/família e instituição/comunidade. A segunda procurou sobretudo explorar o perfil dos jovens e a experiência escolar. Para dar resposta a este objetivo foi ainda administrado o Questionário de Auto-Avaliação para Jovens, desenvolvido por Achenbach e McConaughy (1997), o questionário de autorrelato permite avaliar os problemas e competências de adolescentes (11-18 anos) nos últimos seis meses. Engloba 112 itens referentes a descrições de comportamentos (problemas e atitudes positivas) que são pontuados numa escala tipo *Likert* de três pontos (0= Não é verdadeira; 1=Algumas vezes verdadeira; 2= Muitas vezes verdadeira) (Achenbach & Rescorla, 2001).

Com vista a caracterizar os serviços e a experiência de acolhimento recorreremos à entrevista aos técnicos para avaliar ambos os domínios. Relativamente ao segundo domínio a recolha foi complementada com a análise processual, a entrevista aos jovens e o Questionário de Ligação a Professores e Funcionários, desenvolvido por Mota e Matos (2005), avalia a importância que a relação com os professores e funcionários da escola ou da instituição onde o jovem vive têm para o desenvolvimento de uma base segura. A versão utilizada destina-se a adolescentes em acolhimento e é composta por 28 itens (7 para o professor, 7 para os funcionários e 14 para os funcionários da instituição). O formato de resposta é do tipo *Likert* de seis pontos (desde o Discordo completamente ao Concordo completamente). A consistência interna do instrumento avaliada pelo *alfa de Cronbach* é de 0.89 (Mota, 2008).

Para caracterizar as famílias socorremo-nos da análise processual, das entrevistas aos jovens e técnicos e do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, desenvolvido por Matos e Costa (2001), o questionário é constituído por 30 itens com

afirmações sobre as relações familiares e avalia as representações de vinculação dos adolescentes e jovens adultos face aos pais. Cada conjunto de dez itens focaliza uma dimensão: qualidade do laço emocional, níveis de ansiedade de separação e dependência e inibição da exploração e individualidade. O formato de resposta é do tipo *Likert* de seis pontos (desde o Discordo totalmente ao Concordo totalmente) e a resposta é dada para Pai e Mãe separadamente. A consistência interna realizada mediante o *alfa de Cronbach* situa-se entre 0.81 e 0.94 nas três dimensões e na versão pai e mãe (Mota, 2008).

A caracterização da experiência escolar foi possível através da análise processual, das entrevistas aos jovens, técnicos e professores e do Questionário de Ligação a Professores e Funcionários, anteriormente referido.

Finalmente, para caracterizar a interação entre a instituição e a comunidade recorreremos às entrevistas aos jovens e técnicos e à administração do Ecomapa, desenvolvido por Hartman (1975), consiste numa representação gráfica das ligações de uma família às pessoas e estruturas sociais do meio onde habita. Permite identificar os padrões organizacionais da família e a natureza das suas relações com o meio, evidenciando o equilíbrio entre as necessidades e recursos da família (Agostinho, 2007).

3.4 Procedimentos

Para o desenvolvimento da investigação foi necessário num primeiro momento contactar e apresentar o estudo à direção da instituição através de uma carta de apresentação (Apêndice E), a fim de agendar uma reunião para a apresentação do plano da investigação e obter a autorização para a recolha de dados. Depois de seleccionados os jovens, estes tomaram conhecimento do estudo através da técnica da instituição responsável por orientar a investigação. No seguimento, foi agendado um encontro com a mesma onde se procedeu à análise dos processos dos jovens. A este encontro seguiram-se mais três com cada jovem onde foram entregues os consentimentos informados (Apêndice F) e recolhidos os dados através de entrevistas, cuja informação foi analisada através da análise de conteúdo categorial e questionários e instrumentos projetivos, analisados de acordo com as regras específicas dos instrumentos em causa.

Numa segunda fase foi agendado um encontro com cada diretor de turma e um com cada técnico por forma a proceder à realização das entrevistas. Os dados foram

recolhidos na instituição e na escola, tendo sido asseguradas as condições de conforto e confidencialidade aos participantes para que se sentissem o mais tranquilos possível.

Dado que uma parte considerável da recolha de dados se procedeu através da realização de entrevistas estas foram posteriormente transcritas. Com foi anteriormente referido, a análise foi efetuada através da análise de conteúdo categorial, que consiste no desmembramento do texto em unidades, isto é, categorias, segundo reagrupamentos analógicos (Cappelle, Melo, & Gonçalves, 2003). Desta forma, procedemos ao recorte e codificação das unidades de registo de cada uma das entrevistas e à sua categorização. A categorização foi realizada mediante a comparação dos códigos de cada entrevista, permitindo a criação de categorias de níveis hierárquicos superiores, bem como entre as entrevistas referentes a cada caso o que nos levou a criar um modelo de categorização para cada caso.

Por fim, importa referir que ao longo da investigação foram tidos em consideração processos que nos permitem assegurar a validade do estudo. Antes de serem aplicadas as entrevistas aos participantes foram realizadas entrevistas piloto a sujeitos que reuniam critérios similares, a fim de confirmar que as entrevistas respondiam aos objetivos que nos propusemos estudar. Importa referir que a investigação foi realizada em equipa o que permite diferentes perspetivas sobre os processos implícitos na investigação. Além disso, com vista a assegurar a veracidade da informação foi realizada uma triangulação de dados em termos de fontes e instrumentos, bem como no processo de análise dos dados pois utilizamos mais do que um investigador (Creswell, 2014).

4. Resultados

4.1 Resultados dos instrumentos de autorrelato e projetivos

4.1.1 Questionário de Auto-Avaliação para Jovens.

No que concerne à escala de síndromes A obteve 11 pontos (T=56) nas subescalas de internalização, 24 pontos nas subescalas intermédias e 4 pontos (T=42) nas subescalas de externalização, verificando-se valores normativos em todas as subescalas. O mesmo se verifica nas escalas de competências onde os resultados obtidos indicam valores normativos nas subescalas atividades e social (T=69).

No que diz respeito à escala de síndromes, B obteve nas subescalas de internalização 16 pontos (T=62), apresentando resultados significativos na subescala isolamento/depressão (8 pontos, T=51). Nas subescalas intermédias obteve 67 pontos, apresentando resultados significativos na subescala problemas sociais (8 pontos). As subescalas de externalização perfazem 21 pontos (T=65) encontrando-se todas as subescalas no nível normativo. Nas escalas de competências apresenta valores clínicos na subescala atividades (4 pontos) e valores normativos na subescala social, encontrando-se o score total de competências no nível normativo (T=32).

4.1.2 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe.

Os resultados indicam a importância das figuras parentais para A (qualidade do laço emocional pai, 58 pontos e mãe, 59 pontos) enquanto figuras de vinculação, estes revelam ainda qualidade e durabilidade das ligações estabelecidas. Não obstante os resultados indicam alguma dificuldade em encarar a separação face às figuras de vinculação, sendo esta separação geradora de ansiedade e medo, recriando ao mesmo tempo uma relação de dependência (ansiedade de separação e dependência pai, 39 pontos e mãe, 39 pontos). Apesar desta dificuldade os resultados são indicativos que de acordo com a perceção do jovem as figuras parentais não interferem no desenvolvimento de um carácter e estilo pessoal como ideias e expressões próprias de si, onde a exploração enquanto ser individual e iniciativas são apoiadas pelas figuras parentais (inibição de exploração e individualidade pai, 27 pontos e mãe, 23 pontos).

Os resultados indicam importância das figuras parentais de B (qualidade do laço emocional pai, 46 pontos e mãe, 48 pontos) enquanto figuras de vinculação, estes revelam ainda alguma qualidade e durabilidade das ligações estabelecidas. Todavia, os resultados indicam alguma dificuldade em encarar a separação face às figuras de vinculação, sendo esta separação geradora de ansiedade e medo, recriando ao mesmo tempo uma relação de dependência (ansiedade de separação e dependência pai, 37 pontos e mãe, 38 pontos). Os resultados indicam ainda que de acordo com a perceção do jovem as figuras parentais interferem no desenvolvimento de um carácter e estilo pessoal como ideias e expressões próprias de si, onde a exploração enquanto ser individual e iniciativas não são apoiadas pelas figuras parentais (inibição de exploração e individualidade pai, 47 pontos e mãe, 50 pontos).

B parece apresentar uma limitada rede de relações, como se pode verificar na Figura 2. O jovem considera como figuras importantes para si os elementos da família nuclear com quem estabelece uma positiva relação. Perceciona a mãe e irmã como importantes fontes de apoio. Para além destas figuras representou aquela que considera ser a sua melhor amiga e que é uma importante fonte de apoio há muitos anos.

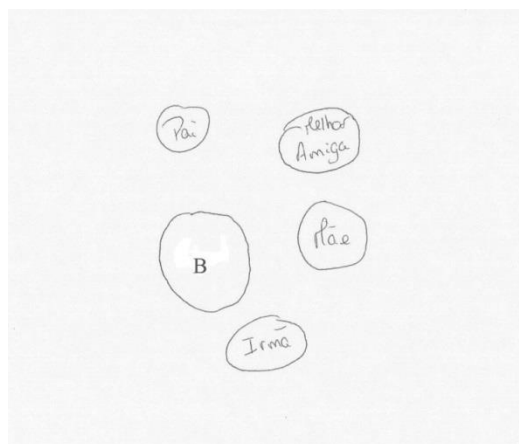


Figura 2.

Ecomapa jovem B

4.2 Resultados da análise dos conteúdos das entrevistas

Tendo em conta a grande quantidade de informação recolhida procedemos à apresentação dos dados considerados relevantes para o alcance dos objetivos, procurando assim, caracterizar o perfil dos jovens, serviços, experiências de acolhimento, famílias, experiência escolar e interação instituição/comunidade.

No que se refere ao perfil dos jovens, na perspetiva dos técnicos¹, A trata-se de um jovem reservado, sociável, responsável, apresenta um positivo nível de maturidade, uma boa capacidade de aprendizagem, não é influenciável, contudo é pouco voluntarioso. Já B é reservado, pouco sociável, manipulador e apresenta uma postura de desconfiança nas relações. Não temos discurso do jovem² A sendo que a informação de B é coerente, este apresenta uma autoperceção negativa das características e

¹ Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao técnico do jovem A e técnico do jovem B, Apêndice G

² Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao jovem A e jovem B, Apêndice H

comportamentos. Na perspectiva dos professores³, A é motivado e empenhado ao passo que B é pouco motivado e empenhado, precisa de apoio para trabalhar e apresenta um percurso enquanto aluno irregular, contudo é inteligente, se interessado intervém de forma pertinente e embora tendo apresentado resultados mínimos para estágio possui capacidade para obter melhores resultados.

No que concerne aos serviços da instituição, o técnico A refere a existência do serviço de Psicologia. B aponta para além deste, os protocolos com serviços de Psicologia externos, Terapia da Fala e Pedopsiquiatria. Jovens e professores não apresentaram as suas perspetivas.

Quanto às experiências de acolhimento dos jovens, na perspectiva dos técnicos, a reação de A ao acolhimento foi positiva. A relação do jovem com os colegas e técnicos é positiva, embora com os últimos a proximidade seja moderada. No Plano Sócio-Educativo Individual (PSEI), verifica-se no plano escolar a entrada para a universidade e no individual a autonomização. No que concerne ao futuro do jovem em termos de projeto de vida a perceção é positiva ao nível escolar e individual. Em suma, o percurso de acolhimento é positivo. Relativamente a B a reação inicial ao acolhimento foi positiva, no entanto, com o decorrer do tempo verificou-se uma reação negativa. A primeira fase de integração foi aparentemente positiva, B era sociável e participativo nas atividades, contudo posteriormente verificou-se uma negativa adaptação. Os fatores que dificultaram a adaptação foram a perceção de limites e a instabilidade familiar. A relação do jovem com os colegas é negativa assim como era com os técnicos, porém, atualmente é positiva. No PSEI verifica-se no plano escolar a conclusão do ensino básico, no individual acompanhamento psicológico e no familiar a coabitação com a irmã. Quanto ao futuro em termos de projeto de vida a perceção do plano escolar é positiva, verificando-se dificuldades no familiar, devido à frágil relação entre jovem e irmã. O percurso do jovem no processo de acolhimento é negativo sendo atualmente a perceção mais positiva. Os fatores que contribuíram para a melhoria no processo são a preparação da sua saída e a negociação entre instituição/jovem das rotinas.

Na perspectiva dos jovens, A tomou conhecimento da medida através dos pais e a reação foi encarada como sendo uma experiência difícil. A integração na instituição foi de habituação difícil, no entanto, verifica-se a existência de fatores facilitadores do processo, como a positiva relação com os colegas, a perceção de apoio

³ Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao professor do jovem A e professor do jovem B, Apêndice I

recebido, a percepção de limites adequados nas relações interpessoais, o sentimento de bem-estar e o acolhimento simultâneo com os irmãos. Relativamente ao relacionamento com as pessoas da instituição verifica-se coerência com a informação anterior. No PSEI verifica-se o plano de formação académica, A refere como positiva a participação na sua construção. E termos gerais percebe a experiência de acolhimento como positiva. Já B tomou conhecimento da medida através do juiz e a reação associada foi de desagrado. A integração na instituição foi de habituação difícil, no entanto, aponta como fatores facilitadores do processo a positiva relação com os colegas. Contudo, considera que o acolhimento tardio, problemas de comportamento, pouco tempo de permanência na instituição, não participação em atividades e o desejo de sair como fatores que dificultaram a integração. Considera o relacionamento com as pessoas da instituição em geral razoável, no entanto, a relação com técnicos e educadores é negativa. No PSEI aponta o plano de regresso à família e vê como positiva a sua participação na construção. Em termos gerais percebe a experiência de acolhimento como negativa. Os professores não apresentam as suas perspetivas.

Relativamente ao domínio familiar, na perspetiva dos técnicos, a relação de A com a família durante o acolhimento é positiva. Jovem e família estabelecem contactos regulares. Como aspetos positivos no trabalho com esta família aponta o acolhimento precoce, o reconhecimento da família do trabalho da instituição, a relação de proximidade entre família/instituição e a relação de afeto entre família/jovem. Como dificuldades aponta a personalidade do pai e a perpetuação dos problemas que estiveram na origem do acolhimento. Já B considera que durante o acolhimento a relação entre jovem e família é ambivalente, deambulando entre aceitação e rejeição. Verifica-se uma rutura nos contactos estabelecidos entre jovem/família, havendo atualmente uma proximidade entre jovem e irmã. Como principais dificuldades no trabalho com esta família verifica-se a personalidade do pai, a relação ambivalente da mãe para com a instituição com episódios de conflito, o pouco envolvimento e desresponsabilização da família no processo e a incapacidade em prestar suporte ao jovem.

Na perspetiva dos jovens, A atribui o conceito “família” à família nuclear, colegas da instituição e técnicos. Considera positiva a relação com a família no passado e no presente, embora de menor proximidade. B não apresenta uma representação do conceito “família”. Considera positiva a relação com a família no passado e no presente. Na perspetiva dos professores, a ausência de estigmatização na escola sobre A deve-se ao contacto frequente entre jovem/família. Sobre B não é apresentado discurso.

No que concerne à escola, na perspectiva dos técnicos, A é bom aluno, responsável e motivado. B quando entrou na instituição tinha um percurso negativo, marcado pelo absentismo. Atualmente verifica-se uma melhoria do comportamento e da presença às aulas.

Na perspectiva dos jovens, A atribui o conceito “escola” a formação/aprendizagem e amizades. Já B não apresenta uma representação do conceito.

Quanto à perspectiva dos professores, verifica-se a existência de uma boa integração escolar de A. Como fatores turma e pessoais facilitadores da integração verifica-se a existência de uma sintonia positiva entre aluno/turma, o facto de a turma ser calma e serena, os elementos da turma apresentam características pessoais positivas, os jovens não são conflituosos, a turma é exemplar no respeito pelas diferenças, sendo constituída maioritariamente por jovens do género feminino. Como fatores institucionais facilitadores da integração verifica-se o acompanhamento próximo e regular do encarregado de educação, as características pessoais deste e a perceção do jovem de que está a ser acompanhado. Quanto ao relacionamento interpessoal do aluno e colegas de turma verifica-se a existência de um bom relacionamento e a ausência de conflitos entre jovem e colegas extra turma. A relação e interação aluno-professores é boa desconhecendo-se episódios de estigmatização sobre A. Quanto à articulação escola-LIJ o professor desconhece a existência de articulação transversal, contudo a articulação diretor de turma-encarregado de educação é normal, igualando à relação diretor de turma-pai. De igual modo, verificou-se uma boa integração escolar de B. Como fatores turma e pessoais facilitadores da integração verifica-se a existência de uma sintonia positiva do aluno com a turma, o baixo investimento do jovem e colegas, o facto de a turma ser constituída por mais elementos em acolhimento e de serem os alunos mais velhos da escola. O relacionamento interpessoal do aluno e colegas de turma é bom, no entanto, verifica-se a existência de conflitos na relação aluno-colegas extra turma. No relacionamento aluno-professores observa-se uma relação inconstante, B teve um processo disciplinar e é pouco tolerante à autoridade, sobretudo feminina, todavia, desconhece-se episódios de estigmatização. Em relação à articulação escola-LIJ verifica-se uma articulação diretor de turma-encarregado de educação boa com contacto frequente.

No que concerne à participação dos jovens em atividades da comunidade, na perspectiva dos técnicos, A atualmente não participa em atividades permanentes, contudo participa em atividades como passeios e idas piscina e à praia. Considera importante

para A as experiências na comunidade pois provoca sentimentos de pertença e promove o desenvolvimento integral. Do seu ponto de vista A encontra-se inserido na sociedade pois todas as rotinas são inseridas na comunidade. De igual modo, B não participa em atividades permanentes, ainda assim percebe que o jovem se encontra inserido na sociedade pois todas as rotinas são inseridas na comunidade.

Na perspectiva dos jovens, A participou numa ação de voluntariado no passado, sendo que atualmente não participa em nenhuma atividade, contudo, atribui uma positiva importância à participação nas mesmas. B não participa em atividades nem atribui importância à participação nestas. Os professores não apresentam discurso sobre a participação dos jovens em atividades da comunidade.

5. Discussão

Mediante a análise dos resultados verifica-se que em termos de perfil os jovens apresentam características distintas. Para o jovem A são apresentadas características positivas, entre as quais que é sociável, esta característica vai de encontro aos resultados do Ecomapa que revelam a existência de uma rede de relações alargada. Os resultados são coerentes com o Questionário de Ligação a Professores e Funcionários onde se verifica uma positiva importância destas figuras para o jovem. O Questionário de Auto-Avaliação para Jovens corrobora as informações anteriores pois indica que A tem um bom ajustamento psicossocial. Já para B as características apontadas são menos favoráveis. Os resultados do Questionário de Auto-Avaliação para Jovens confirmam algumas das características e evidenciam indicadores clínicos como isolamento, problemas sociais e pouca vontade para participar em atividades. Esta informação vai de encontro aos resultados do Ecomapa em que se verifica uma limitada rede de relações, bem como aos do Questionário de Ligação a Professores e Funcionários que evidenciam pouca importância destas figuras para B. Estes resultados são coerentes com os resultados do estudo de Silva, Lemos, e Nunes (2013) que concluiu que adolescentes em acolhimento apresentam mais acontecimentos de vida stressantes e problemas psicopatológicos. Os jovens experienciam condições de vida adversas geralmente devido a situações familiares marcadas por acontecimentos de vida stressantes e negativos que aumentam a probabilidade do surgimento de problemas psicopatológicos (Li, Nussbaum, &

Richards, 2007). Apesar de ambos os jovens apresentarem acontecimentos de vida stressantes, verifica-se que apenas o jovem B apresenta dificuldades psicossociais, isto porque, o processo de resiliência não pode ser separado do percurso desenvolvimental dos jovens (Luthar, Cichetti, & Becker, 2000). Um estudo desenvolvido por Tomazoni e Vieira (2004), indica que os processos de resiliência estão presentes quando existe uma rede de apoio na instituição e na escola capaz de dar suporte ao jovem. O apoio psicossocial dos profissionais pode auxiliar no desenvolvimento da capacidade de lidar com adversidades, fomentando características de resiliência e um desenvolvimento adaptativo.

Assim, na linha dos relacionamentos interpessoais, verifica-se que o relacionamento de A com as pessoas da instituição é positivo ao passo que B apresenta dificuldades de relacionamento. Esta informação é coerente com os resultados do Ecomapa visto que A inclui na rede de relações colegas da instituição e B não. Além disso, o Questionário de Ligação a Professores e Funcionários aponta para o facto de os funcionários da instituição serem percebidos por A como figuras importantes para o desenvolvimento de uma base segura enquanto B atribui pouca importância a estas figuras. Considerando que para estes a instituição passa a ser o seu principal ambiente e as pessoas com as quais convivem passam a integrar as suas redes de apoio social e afetiva (Siqueira & Dell’Aglia, 2010), facilmente se compreende a importância destas pessoas na vida dos jovens. Uma relação de qualidade poderá funcionar como fator protetor e desencadeador de processos de resiliência (Zegers, 2007), bem como um importante fator no processo de recuperação (Sá et al., 2008).

No que se refere às experiências de acolhimento de ambos verificam-se diferenças na tomada de conhecimento da medida, enquanto A tomou conhecimento através de uma fonte informal e de grande proximidade, B tomou conhecimento através de uma fonte formal. Esta situação leva-nos a pensar que a fonte de informação e o modo como a informação é transmitida pode influenciar o processo de acolhimento. Apesar dos jovens considerarem a experiência difícil assim como a habituação à instituição, ambos apontam os colegas como fatores facilitadores do processo de integração. Em conformidade com estes resultados está um estudo de Faria e colaboradores (2008) realizado com adolescentes, que indica que o primeiro impacto aquando a entrada na instituição é geralmente negativo, porém este fator modifica-se quando os jovens conhecem os colegas da instituição que promovem a sua integração.

Ainda assim, A aponta um maior número de fatores facilitadores comparativamente a B que aponta um maior número de fatores que dificultaram a integração. Entre tais fatores, está o acolhimento tardio. Importa ressaltar que o acolhimento dos jovens foi realizado em fases da vida díspares. O de A realizou-se precocemente, durante a infância, enquanto o de B foi tardio, na fase da adolescência. O aumento da idade da população acolhida é um fenômeno que se tem vindo a observar ao longo dos últimos anos e que se deve ao facto de se tentar esgotar primeiramente as alternativas em meio natural de vida (Franco, 2012). Contudo, o aumento de idade dificulta a tarefa educativa, já que os conflitos são mais intensos e as histórias vivenciadas de aprendizagens desadequadas são mais resistentes à intervenção (Bravo & Del Valle, 2009).

Muito diferente é também a percepção que os jovens têm da experiência de acolhimento. Este facto poderá ser explicado pelas maiores dificuldades encontradas por B em se adaptar à instituição e à ausência de figuras significativas para si na instituição.

No que se refere às famílias, verifica-se que a relação de A com a família é mais próxima e segura se comparada com a de B. Apesar de se verificar no Ecomapa a representação dos familiares de ambos, os resultados do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe revelam que A apresenta uma representação de vinculação face aos pais mais positiva. Esta situação poderá dever-se ao facto de a relação afetiva entre jovem B e família ter sofrido alterações após a sua entrada na instituição ao passo que jovem A e família mantiveram o mesmo nível de afeto que existia até então.

Como aspetos positivos no trabalho com as famílias, verifica-se a presença de vários aspetos positivos na família A enquanto na B se verificam mais dificuldades. Manso e colaboradores (2011), vão de encontro a estes resultados ao considerarem que uma adequada cooperação entre a família e os profissionais está positivamente relacionada com a autonomia e adaptação à instituição por parte do jovem. Facilmente se compreendem as vantagens e desvantagens do envolvimento da família em relação às instituições, pois se por um lado, pode favorecer o sentimento de pertença e o impacto do acolhimento ser positivo, por outro pode circunscrever riscos como imprevisibilidade nos comportamentos por parte dos familiares e a existência de confrontos entre a família e os funcionários da instituição (Nickerson et al., 2006).

No que concerne à escola, verificam-se diferenças consideráveis no desempenho escolar dos jovens apesar da integração de ambos ter sido positiva. A análise dos dados permite verificar a influência que a turma tem sobre o desempenho dos jovens.

Se no caso do jovem A se verifica a existência de uma turma com características que influenciam positivamente o desempenho escolar no caso da turma do jovem B verificam-se fatores que contribuem para agudizar os baixos resultados académicos. De acordo com Siqueira e Dell’Aglío (2010), um positivo desempenho escolar e nível intelectual funcionam como fatores protetores e promotores de inclusão social. Relativamente aos relacionamentos interpessoais dos jovens com os restantes agentes de socialização da escola, verifica-se que em ambos os casos o relacionamento com os colegas da turma é bom. Todavia, no relacionamento com colegas extra turma e professores verificam-se diferenças. A apresenta um positivo relacionamento com colegas extra turma e professores enquanto B apresenta uma relação menos positiva. No Ecomapa A inclui na rede de relações colegas da escola e a escola enquanto instituição importante para si e B não inclui nenhum elemento da escola. De igual forma, o Questionário de Ligação a Professores e Funcionários indica que para A os professores são figuras importantes para o desenvolvimento de uma base segura enquanto para B não. De acordo com Davis (2003), a relação aluno-professor assume uma grande importância podendo afetar positiva ou negativamente a ligação do aluno à escola, a motivação e a performance académica. O autor considera que os relacionamentos interpessoais entre alunos-professores têm impacto na aprendizagem e na conquista académica dos alunos. Deste modo, os alunos que estabelecem uma boa interação com os professores recorrem com maior facilidade a estes quando precisam de apoio emocional ou suporte académico. Já os alunos que apresentam problemas de comportamento como desatenção ou agressividade são mais susceptíveis de criar uma relação negativa com os professores.

Por último, no que respeita à participação em atividades da comunidade, verifica-se a participação de A no passado ao passo que B não participa nem o fez anteriormente. Apesar de ambos os técnicos considerarem que os jovens se encontram inseridos na sociedade, o Ecomapa permite verificar diferenças significativas no apoio que jovem A e B usufruem da comunidade, sendo esse apoio mais alargado no primeiro caso comparativamente ao segundo. Goswami (2012), considera que as vivências destes jovens na comunidade são geralmente pobres, limitando os leques de relações e a possibilidade de suporte no meio envolvente, facto que se verifica no jovem B. Contudo, A apresenta um leque de relações alargado que não se limita às pessoas da instituição. Estes resultados levam-nos a pensar que as características de personalidade poderão ser um fator importante para a construção de uma rede de relações.

6. Conclusão

Perante a informação apresentada podemos concluir que existe de uma multiplicidade de fatores que contribuem para um percurso de sucesso. De grosso modo, verificamos o acolhimento precoce, um positivo envolvimento e apoio da família no processo de acolhimento, a escola enquanto meio de integração, promoção de redes sociais e bons resultados académicos e a comunidade enquanto fonte de apoio e inclusão destes jovens na sociedade. Deste modo, em termos práticos, é fundamental que as entidades competentes promovam um acolhimento precoce sempre que os jovens se encontrem em situação de perigo. Os profissionais das instituições devem procurar envolver mais as famílias no processo de acolhimento, sempre que esta possibilidade não ponha em causa o superior interesse do jovem. A integração escolar e os bons resultados académicos devem merecer uma especial preocupação por parte dos profissionais das instituições em articulação com os professores. As instituições devem promover a inclusão dos jovens em atividades da comunidade procurando alargar as suas fontes de apoio. Em suma, é essencial que os diversos domínios das vidas dos jovens sejam perspetivados como um todo capaz de influenciar as experiências de acolhimento, procurando assim promover os fatores que favorecem um percurso de sucesso.

Quanto às limitações da investigação, deparamo-nos com o facto de as famílias não se mostrarem disponíveis para colaborar. Este facto limitou-nos ainda na obtenção de mais informações acerca dos serviços da instituição. Seria igualmente pertinente procurar compreender a perspetiva destes face à experiência de acolhimento. Além disso, seria importante aprofundar o estudo no que se refere às diferenças individuais dos jovens, uma vez que estas parecem influenciar alguns dos resultados.

No que respeita a estudos futuros, o estudo de caso tem uma dimensão temporal, onde os resultados dos dois casos focam as trajetórias, assim seria pertinente dar continuidade à recolha de dados. Por fim, seria ainda oportuno reproduzir o estudo com outros casos e noutros contextos de acolhimento.

Referências bibliográficas

Abrantes, P. (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 21, 121-139.

- Achenbach, T., & Rescorla, L. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles. An integrated system of multi-informant assessment*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth & Families.
- Agostinho, M. (2007). Ecomapa. *Rev Port Clín Geral*, 23, 327-330.
- Andrade, S., Santos, P., Costa, A., & Souza, D. (2014). Bem-estar emocional e implicações: estudo com crianças em acolhimento institucional. *Indagatio Didactica*, 6(3), 159-174.
- Arteaga, A., & Del Valle, J. (2001). Evaluación de la integración social en acogimiento residencial. *Psicothema*, 13(1), 197-204.
- Bravo, A., & Del Valle, J. (2009). Crisis y revisión del acogimiento residencial. Su papel en la protección infantil. *Papeles del Psicólogo*, 30(1), 42-52.
- Cappelle, M., Melo, M., & Gonçalves, C. (2003). Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Revista de Administração da UFLA*, 5(1), 69-85.
- Capul, M., & Lemay, M. (2005). *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora.
- Cordovil, C., Crujo, M., Vilariça, P., & Silva, P. (2011). Resiliência em crianças e adolescentes institucionalizados. *Acta Med Port*, 24(2), 413-418.
- Creswell, J. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso.
- Davis, H. (2003). Conceptualizing the role and influence of student–teacher relationships on children’s social and cognitive development. *Educational Psychologist*, 38(4), 207-234.
- Dell’Aglia, D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Faria, S., Salgueiro, A., Trigo, M., & Alberto, I. (2008). As narrativas de adolescentes institucionalizadas: percepções em torno das vivências de institucionalização. *Atas eletrônicas do Congresso Internacional em Estudos da Criança*. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Ferreira, M., & Marturano, E. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.

- Franco, E. (2012). *A intervenção com famílias de menores acolhidos em lares de infância e juventude: o olhar dos técnicos responsáveis pela intervenção* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor – Projetos e Edições, Lda.
- Fortin, M., Côté, J., & Filion, F. (2009). *Fundamento e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Alfragide: Texto Editores.
- Goswami, H. (2012). Social relationships and children's subjective well-being. *Social Indicators Research*, 107(3), 575-588.
- Hamre, B. K., & Pianta, R. C. (2001). Early teacher-child relationships and the trajectory of children's school outcomes through eighth grade. *Child Development*, 72, 625-638.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2014). *CASA 2013 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS.
- Lauz, M., & Borges, J. (2013). Perceção da família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867.
- Lei de Proteção de crianças e jovens em perigo, n.º 31/2003, de 22 de Agosto de 2003. Diário da República N.º 193 – I série – A. Lisboa.
- Li, S., Nussbaum, K., Richards, M. (2007). Risk and protective factors for urban African-American youth. *American Journal of Community Psychology*, 39(1), 21-35.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543-562.
- Manso, J., García-Baamond, M., Alonso, M., & Barona, E. (2011). An analysis oh how children adapt to residential care. *Children and Youth Services Review*, 33, 1981-1988.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 177-187.
- Matos, M. (2014). *Vítimas de crime e violência: práticas de intervenção*. Braga: Psiquilibrios Edições.

- Ministério do Trabalho e da Solidariedade. (2000). *Lares de crianças e jovens. Caracterização e dinâmicas de funcionamento*. Lisboa: Instituto para o Desenvolvimento Social.
- Moré, C., & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 519-528.
- Mota, C. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 28(XXVIII), 245-254.
- Neves, S. (2012). *Intervenção Psicológica e Social com Vítimas*. Coimbra: Almedina.
- Nickerson, A., Brooks, J., Colby, S., Rickert, J., & Salamone, F. (2006). Family involvement in residential treatment: staff, parent, and adolescent perspectives. *Journal of child and family studies*, 15(6), 681-694.
- Sá, A., Grilo, I., & Trigo, M. (2008). As instituições de acolhimento sob o olhar dos profissionais que nelas trabalham: perceções em torno da institucionalização de crianças e jovens em risco. *Atas eletrónicas do Congresso Internacional em Estudos da Criança*. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Santos, A. (2009). *(In)sucesso escolar de crianças e jovens institucionalizadas* (Tese de Mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Silva, S. (2010). *Da casa da juventude aos confins do mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, C., Lemos, I., & Nunes, C. (2013). Acontecimentos de vida stressantes, psicopatologia e resiliência em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(2), 348-355.
- Siqueira, A., & Dell'Aglio, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80.

- Siqueira, A., & Dell’Aglío, D. (2010). Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 407-415.
- Siqueira, A., Betts, M., & Dell-Aglío, D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), 149-158.
- Tomazoni, D., & Vieira, M. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudos*, 9(2), 207-217.
- Vasconcelos, Q., Yunes, M., & Garcia, N. (2009). Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo. *Paidéia*, 19(43), 221-229.
- Wentzel, K. (2002). Are effective teachers like good parents? Teaching styles and student adjustment in early adolescence. *Child Development*, 73(1), 287-301.
- Zegers, M. (2007). *Attachment among institutionalized adolescents: mental representations, therapeutic relationships and problem behavior* (Doctoral Dissertation). Vrije Unirsiteit, Amsterdam.

Apêndices

Apêndice A

Fatores de sucesso vs insucesso em acolhimento institucional

Tabela 1.

Fatores de sucesso vs insucesso em acolhimento institucional

Sucesso	Insucesso
1. Ocorrência de uma boa adaptação à instituição.	1. Ocorrência de uma má adaptação à instituição.
2. Compreensão e integração do motivo/razão do acolhimento.	2. Dificuldades de compreensão e integração do acolhimento.
3. Capacidade de estabelecer/criar laços com elementos da instituição.	3. Dificuldades e/ou incapacidade de proceder à construção de laços significativos com elementos da instituição.
4. Processo de desenvolvimento e crescimento pessoal: - sucesso acadêmico; - redução de sintomas/ problemas de comportamento; - competências em estabelecer relacionamentos interpessoais e de autonomia; - Ausência de indicadores de psicopatologia (problemas de internalização e externalização) - Dimensão do desenvolvimento moral (valores) desenvolvida;	4. Processo de desenvolvimento e crescimento pessoal: - insucesso acadêmico; - permanência ou aumento de sintomas/ problemas de comportamento; - incapacidade em estabelecer relacionamentos interpessoais e desenvolver competências de autonomia; - Presença de indicadores de psicopatologia (problemas de internalização e externalização); - Dimensão do desenvolvimento moral (valores) não desenvolvida;
5. Capacidade de auto-crítica de reconhecimento de dificuldades.	5. Pouca ou nenhuma capacidade de auto-crítica de reconhecimento de dificuldades.
6. Disponibilidade e envolvimento nas atividades que lhe são propostas;	6. Indisponibilidade ou fraco envolvimento nas atividades que lhe são propostas;
7. Construção de um projeto de saída do acolhimento institucional.	7. Ausência de projeto de vida no momento da saída do acolhimento institucional.

Apêndice B

Entrevista a Jovens em Acolhimento Institucional

O objetivo desta entrevista é conhecer-te melhor a ti face à tua experiência de acolhimento na (nome da instituição). A tua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a tua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista. Importa referir que não existem respostas certas ou erradas, o que pretendemos é conhecer a tua opinião e a tua experiência de acolhimento.

Caso não percebas alguma das questões sente-te à vontade para interromper e colocar as questões que achares convenientes. Recordamos, ainda, que a tua participação nesta investigação é voluntária podendo ser interrompida a qualquer momento. As respostas dadas nesta entrevista são confidenciais e serão utilizadas estritamente no âmbito deste estudo.

Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista para posterior análise dos dados, sendo que posteriormente à análise a gravação e transcrição serão eliminadas. Não sei se gostarias de colocar alguma questão... Quando te sentires preparado/a daremos início à mesma.

1. Para iniciar este encontro gostaria que me falasses um pouco sobre ti.

Gostaria que falássemos um pouco acerca da (nome da instituição).

2. O que representa para ti a palavra “instituição”?
3. Gostaria que falasses um bocadinho acerca da (nome da instituição)?
4. O que aprecias mais e menos na (nome da instituição)?
5. Atualmente o que representa para ti esta casa?
6. Se pudesses o que mudarias na (nome da instituição)?

Agora vamos falar um bocadinho da tua experiência de acolhimento e da tua estadia na (nome da instituição), como te sentes cá e como te relacionas com as diferentes pessoas que cá trabalham e habitam contigo.

7. Sobre a experiência de acolhimento. Como soubeste e o que pensaste da medida de acolhimento?
8. Fala um bocadinho daquilo que te recordas da 1.^a fase em que chegas-te à (nome da instituição)?
9. Podias falar-me do teu relacionamento com as pessoas da casa?
 - 9.1 Sempre que precisas de falar, quem procuras para o fazer?
10. No âmbito do acolhimento é elaborado um plano pela equipa técnica que corresponde ao teu plano de estadia na (nome da instituição). Neste momento qual é o teu plano educativo individual?
 - 10.1 Em que medida participaste na construção do teu plano educativo individual?
11. Qual o melhor e o pior momento que te recordas da experiência de acolhimento na (nome da instituição) ou em outras instituições onde estiveste no passado?
12. Em que medida a experiência de acolhimento está a ser na tua opinião positiva ou negativa?
13. Do teu ponto de vista quais são as vantagens e desvantagens de viver na (nome da instituição)?

Agora gostaria de falar contigo sobre outras pessoas da tua vida, nomeadamente sobre a tua família.

14. O que representa para ti a palavra “família”?
15. Quais as semelhanças/diferenças que encontras entre a (nome da instituição) e uma ou a tua família?
16. Como era a tua relação no passado com a tua família?
17. Como é a tua relação no presente com a tua família?

Gostaria que falássemos um pouco sobre a escola e sobre os teus amigos.

18. O que representa para ti a palavra “escola”?
19. O que gostas mais e o que gostas menos na escola?
20. Relativamente ao teu futuro quais são os teus projetos escolares?
21. Se pudesses o que mudarias na escola?

22. O que representa para ti a palavra “amigos”?

23. Como era a tua relação com os teus amigos no passado?

24. Como é a tua relação com os teus amigos no presente?

25. Relativamente à tua interação com a comunidade em que atividades já participaste ou participas?

26. Que significado tem para ti as atividades realizadas na comunidade?

Há alguma coisa que consideres importante referir e que eu não tenha perguntado?

Obrigada pela tua colaboração!

Apêndice C

Entrevista aos Técnicos de Jovens em Acolhimento Institucional

A percepção dos Técnicos acerca da realidade do acolhimento

O objetivo desta entrevista é compreender a partir do seu relato o papel dos técnicos no processo de acolhimento. A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista.

Importa referir que não existem respostas certas ou erradas. Caso não perceba alguma das questões sinta-se à vontade para interromper a qualquer momento e colocar as questões que achar conveniente. As respostas dadas são estritamente confidenciais e serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo. A participação no mesmo é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem que seja necessário justificar a sua decisão.

Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista. Não sei se gostaria de colocar alguma questão? Quando se senti preparado/a daremos início à mesma.

Para dar início à nossa entrevista, gostaria que falássemos um pouco acerca dos serviços de acolhimento institucional.

1. Na sua perspetiva, qual a missão da instituição?

2. Fale-me um pouco dos serviços e atividades disponibilizados pela instituição aos jovens que acolhe?

Agora vamos falar um pouco da experiência de acolhimento institucional dos jovens

3. Fala-me um pouco acerca do/a (nome do jovem)?

4. Qual foi a reação do/a (nome do jovem) ao acolhimento?

5. Poderia dizer-me como tem sido o percurso do/a (nome do jovem) ao longo do processo de acolhimento?

6. Fala-me um pouco mais especificamente do/a (nome do jovens) no que concerne ao seu relacionamento com os colegas da (nome da instituição)?

7. E no que diz respeito à relação que o/a (nome do jovem) estabelece com os técnicos da instituição, como a descreve?

8. Quais os objetivos que foram definidos para o/a (nome do jovem) em termos do plano educativo individual?

9. Como avalia a implementação do plano? Quais os principais obstáculos?

10. Como perspetivam o futuro em termos de projeto de vida do/a (nome do jovens)?

11. Na sua opinião, qual a representação que o/a (nome do jovem) tem do processo de acolhimento e da (nome da instituição)?

Vamos falar um pouco da interação entre a instituição e a família do/a (nome do jovem)

12. Qual considera ser a importância da família no processo do acolhimento?

13. Ao longo do acolhimento qual a relação que o/a (nome do jovem) mantém com a família de origem?

14. No seu ponto de vista como caracteriza/descreve o envolvimento da família de origem com o processo do acolhimento?

15. Quais os aspetos mais positivos no trabalho com a família do/a (nome do jovem)?

16. Quais as principais dificuldades no trabalho com esta família?

Gostaria que me falasse um pouco da interação entre a instituição e a comunidade

17. Durante o acolhimento, de que forma é que o/a (nome do jovem) foi inserida/a na sociedade?

18. Quais as atividades em que está envolvido o/a (nome do jovem)?

19. Qual a importância dessas experiências para os jovens? E para o/a (nome do jovem em particular)?

20. Na sua opinião, qual deveria ser o papel da sociedade civil para com os jovens?

Para finalizar a nossa entrevista há alguma coisa que considere importante referir e eu não tinha perguntado?

Obrigada pela sua participação.

Apêndice D

Entrevista aos Professores de Jovens em Acolhimento Institucional

A presente entrevista tem como principal objetivo conhecer melhor as experiências escolares dos jovens em situação de acolhimento institucional. Interessa-nos compreender melhor qual o papel do sistema escola na vida destes jovens. A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista. Contudo, importa referir que não existem respostas certas ou erradas, o que pretendemos é conhecer a sua opinião e a sua experiência.

Caso não perceba alguma das seguintes questões sinta-se à vontade para interromper e colocar as questões que achar convenientes. As respostas dadas nesta entrevista serão estritamente confidenciais e utilizadas somente no âmbito deste estudo. Recordamos que a sua participação nesta investigação é voluntária podendo ser interrompida a qualquer momento.

Como abordado previamente, será necessário proceder à gravação da seguinte entrevista para posterior análise dos dados, sendo que posteriormente à análise, a gravação e transcrição desta serão eliminadas. Neste sentido, não sei se gostaria de colocar alguma questão... Quando se sentir preparado/a daremos início à mesma.

1. Para começar este encontro gostaria de conhecer, a partir do seu ponto de vista e com base na sua experiência, o que considera como um caso de sucesso e de insucesso escolar?
2. Como descreve a integração do (nome do aluno) na turma?
3. Fale-me um pouco acerca do (nome do aluno) no que concerne à sua motivação e aprendizagem?
4. Enquanto professor/a, e do que lhe foi/é possível observar em contexto sala de aula e exterior, como caracteriza a relação do (nome do aluno) com os colegas?
5. Como descreve a relação do (nome do aluno) com os professores?

6. Pensando na relação do aluno com a escola e na relação do aluno com os colegas, pode falar-me de situações em que o (nome do aluno) possa ter sido estigmatizado?
7. Em relação à Escola, quais são as principais dificuldades que representam um obstáculo na integração/progresso do (nome do aluno) em situação de acolhimento institucional?
8. Quais as propostas que o(a) professor(a)/escola utilizam para a resolução dos problemas que surgem na escola relativamente à integração e acompanhamento dos alunos em acolhimento institucional?
9. Como descreve a articulação entre escola e lar de acolhimento?
10. Para terminar, gostava de saber como é a sua experiência emocional de ser professor do (nome do aluno) ou de outros jovens em situação de acolhimento institucional?

Há alguma coisa que consideres importante referir e que eu não tenha perguntado?

Obrigada pela sua colaboração!

Apêndice E

Carta de Apresentação à Instituição

Exmo. Senhor Doutor

Diretor do (a)

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora Armanda Gonçalves

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde e do Seminário de Investigação em Psicologia, vimos por este meio pedir a vossa excelência a colaboração para participar num estudo intitulado “Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso”.

A pertinência da escolha deste tema para a realização da investigação, prende-se com o facto de o acolhimento institucional continuar a ser a medida mais utilizada para promover e proteger os direitos das crianças e jovens que se encontram em situação de perigo. Assim, através da identificação e compreensão dos fatores que estão na base do sucesso/ insucesso destas crianças e jovens em acolhimento institucional, poderão ser reajustados modelos e estratégias de intervenção no trabalho com esta população.

Objetivo do Estudo

Neste sentido, com a realização deste estudo pretendemos identificar e compreender os fatores diferenciadores de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças e jovens em risco.

Modalidades de Participação

A presente investigação trata-se de um estudo de caso instrumental único, seguindo uma metodologia qualitativa. A investigação qualitativa, tem como objetivo compreender fenómenos sociais para os quais se dispõe de poucos dados. No que concerne à recolha de dados, esta será feita mediante diversos instrumentos (anexo 1) tais como questionários, entrevistas, instrumentos projetivos e análise documental.

Pretendemos através destes instrumentos, recolher informação junto de dois jovens e dos elementos que constituem o sistema de cada um, nomeadamente a família de origem, amigos/colegas, técnicos da instituição e a escola.

Neste sentido, não conseguimos de momento determinar nem prever o número de horas que será necessário despendido na colaboração desta investigação, contudo, o horário e a data serão sempre previamente combinados com os participantes.

Para se proceder à recolha dos dados é essencial existirem condições de conforto e qualidade no local da recolha, assim caso não seja possível recolher os dados na respetiva instituição, pretende-se-á que os participantes se dirijam à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, a qual dispõe de um gabinete/sala para que tanto os entrevistadores como os entrevistados se sintam confortáveis.

Condições de Participação

No âmbito desta investigação, pretendemos conduzir um estudo de caso que engloba o sistema dos 2 jovens adolescentes que obedeçam aos seguintes critérios: 1) jovens que tenham sido alvos de institucionalização no respetivo centro de acolhimento; 2) jovens que obedeçam aos termos que consideram um percurso/caso de insucesso e de sucesso de acolhimento institucional.

Vantagens ligadas à participação

Para os participantes em questão, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão, como também no seu possível crescimento pessoal.

A realização desta investigação poderá fornecer, ainda, aos outros jovens que se encontram institucionalizados, informação pertinente referente ao que se torna necessário alcançar para, também eles, se tornarem num caso de sucesso. Este estudo, visa sobretudo, fornecer um contributo para um conhecimento mais aprofundado da área referente à compreensão dos diferenciadores responsáveis que ditam um percurso de sucesso e de insucesso de um jovem em situação de acolhimento.

Riscos e Desconfortos

Não se antecipa qualquer tipo de risco ou desconforto decorrente da realização deste estudo.

Participação voluntária e abandono ou exclusão do estudo

A participação no estudo é voluntária, podendo o participante retirar-se a qualquer momento, sem que seja necessário justificar a sua decisão e sem nenhum prejuízo evidente. Os participantes podem ainda ser excluídos do estudo se não seguirem as diretrizes dadas, se a sua participação na investigação provocar efeitos indesejáveis para o seu bem-estar, ou se devido ao facto de uma mudança surgida no seu estado, eles ficam expostos a um risco particular. Os participantes serão ainda informados de qualquer nova informação suscetível de os levar a reconsiderar a sua participação neste estudo.

Carácter confidencial das informações

Toda a informação recolhida será confidencial. Apenas um grupo de investigadores terá acesso aos dados. No final do estudo, os participantes terão acesso a todos os dados, e serão informados do local onde estes serão devidamente guardados e durante quanto tempo, uma vez que ao fim de um certo período de tempo, os mesmos serão destruídos.

A confidencialidade de toda a informação será assegurada, ainda, durante a transcrição, a análise dos dados e a transmissão dos resultados do estudo.

Questões sobre o estudo (informações e urgência)

Se em algum momento necessitar de informações complementares sobre o estudo por favor contacte Catarina Teixeira. E-mail: alexandra.mt.10@gmail.com

Título do estudo: “Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso”.

Investigador principal ou responsável do projeto: _____

Eu _____ reconheço que o processo de investigação descrito no formulário aqui junto, de que possuo uma cópia, me foi explicado e que me responderam a todas as minhas questões para a minha satisfação. Eu compreendo a natureza e as vantagens da participação dos jovens no presente estudo. Eu sei que posso colocar, agora ou mais tarde, questões sobre o estudo ou o processo de investigação. Asseguraram-me que os dados relativos aos jovens serão guardados confidencialmente e que nenhuma informação será dada ou publicada revelando a identidade dos jovens. Eu autorizo a equipa de investigação a consultar o processo documental dos jovens em causa para obter as informações pertinentes para este projeto.

Pelo presente documento, eu consinto livremente que os jovens participem no estudo.

(assinatura do Diretor)

data

assinatura (investigador/assistente de investigação)

assinatura (investigador/assistente de investigação)

assinatura (investigador/assistente de investigação)

assinatura (investigador/assistente de investigação)

ANEXO I

(Tabela de Instrumentos)

Objetivos	Instrumentos	
	Menores de 18 anos	Maiores de 18 anos
1. Caracterizar o perfil dos jovens em acolhimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista ao jovem; - CBCL - Child Behavior Checklist (Achenbach & Rescorla, 2001); YSR - Youth Self Report (Achenbach & Rescorla, 2001); - Escala de Competências Sociais; - HKRAM - California Healthy kids resilience assessment module (adaptação para versão portuguesa por Martins, 2005); - QAA - Questionário de Autonomia nos Adolescentes (Noom, 1999, adaptado por Graça, Calheiros & Martins, 2010); - CAQ – Questionário de Análise Clínica (adaptado por Barros, 1995); - R.A.T.C – Roberts Apperception Test for Children (Roberts, 2005); - Teste do Desenho da Família. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista ao jovem; - BSI – Brief Symptom Inventory (versão portuguesa - Inventário de Sintomas Psicopatológicos de Canavarro, 1999); - MMPI-2 – Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2 (Butcher & Hostetler, 1990).
2. Caracterizar os serviços de acolhimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> ARQUA - Sistema de Avaliação de Programas de Acolhimento Institucional (versão portuguesa adaptada de Pereira, Soares, Esteves & Dias, 2007); - Escala de Satisfação com a Instituição. 	
2.1 Caracterizar a experiência de acolhimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> - QLFS - Questionário de Ligação a Figuras Significativas (Mota & Matos, 2005). 	
3. Caracterizar a família de origem dos jovens em acolhimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista à família; - IPPA – Inventory of Parents and peer Attachment (Parker et al., 1979); - A Dupla Lua (Greco, 2004). 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista à família
4. Caracterizar a experiência escolar dos jovens em acolhimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> - TDE - Teste de Desempenho Escolar (Stein, 1994); - QLP – Questionário de Ligação aos Professores e Funcionários; QEEE - Questionário do Envolvimento dos Estudantes na Escola (adaptado por Veiga, 2009). 	<ul style="list-style-type: none"> DIE – Diagnóstico Integral de Estudo – Níveis 1, 2 e 3 (Avellaneda, Corps, Cabezas & Polo); IHE – Inventários de Hábitos de Estudo (Pozar, adaptado por Barros).
5. Caracterizar a interação entre a instituição e a comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> - Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, 1996, adaptado por Hoppe, 1998); - Ecomapa (Ann Hartman, 1975). 	
Satisfação global	<ul style="list-style-type: none"> - ESCV – Escala de Satisfação com a Vida (adaptado por Marques, Pais Ribeiro & Lopez, 2007); - Mental Health Index – Kidscreen-10 (Gaspar & Matos, 2008; Matos, Gaspar, Tomé, & Simões, 2006). 	<ul style="list-style-type: none"> - Escala de Satisfação com a Vida (adaptada por Simões, 1998); - EBES - Escala de Bem-estar

Apêndice F

Consentimento Informado

Título do Projeto: Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso.

Investigadores: Ana Lage

Catarina Teixeira (alexandra.mt.10@gmail.com)

Elvina Vieira

Maria Semedo

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora Armanda Gonçalves

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde e do Seminário de Investigação em Psicologia, vimos por este meio pedir sua colaboração para participar num estudo intitulado “Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso”.

Objetivo do estudo

O objetivo deste estudo visa identificar e compreender os fatores diferenciadores de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças e jovens em risco.

Instrumentos

O estudo terá como instrumentos entrevistas, questionários, instrumentos projetivos e análise documental.

Pretendemos através destes instrumentos, recolher informação que advenha dos elementos que formem o sistema referente a cada jovem, nomeadamente os técnicos, a família, os amigos/colegas e a escola.

A recolha dos dados será efetuada na respetiva instituição, contudo, caso não existam as condições necessárias que satisfaçam um clima relacional de qualidade, pretender-se-á que os participantes se dirijam à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, a qual dispõe de um gabinete/sala para que tanto os entrevistadores como os entrevistados se sintam confortáveis.

Duração prevista

No caso de se dispor a participar no presente estudo de caso, não conseguimos de momento determinar nem prever o número de horas que será necessário despendido na colaboração desta investigação, contudo, o horário e a data serão sempre combinadas com os participantes.

Riscos e Desconfortos

Não existem quaisquer riscos e desconfortos inerentes à participação dos jovens neste projeto de investigação.

Principais Vantagens

Caso decidir participar na presente investigação, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão, como também no seu possível crescimento pessoal.

A realização desta investigação poderá fornecer, ainda, aos outros jovens que se encontram institucionalizados, informação pertinente referente ao que se torna necessário alcançar para, também eles se tornarem num caso de sucesso. Este estudo visa, sobretudo, fornecer um contributo para um conhecimento mais aprofundado da área referente à compreensão dos diferenciadores responsáveis, que ditam um percurso de sucesso e de insucesso de um jovem em situação de acolhimento institucional.

Confidencialidade da informação

Todos os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial. O material gravado será conservado num local seguro à responsabilidade dos investigadores. Os resultados serão apresentados mais tarde e os participantes não serão identificados. Os participantes neste estudo terão acesso a todos os resultados recolhidos e ao decurso da investigação em causa.

Participação voluntária ou abandono

A escolha da participação é voluntária. Se decidir não participar, não sofrerá qualquer consequência pejorativa; poderá desistir em qualquer momento. Os participantes serão ainda informados de qualquer nova informação adicional que possa surgir no decurso da investigação, susceptível de os levar a reconsiderar a sua participação neste estudo.

Contactos

Caso tenha alguma questão ou dúvida, ou se por ventura quiser desistir, por favor contacte a investigadora responsável acima referida onde é fornecido o respetivo e-mail.

Investigadores: Ana Lage, Catarina Teixeira, Elvina Vieira, Maria Semedo.

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora Armanda Gonçalves

Reconheço que os procedimentos de investigação descritos na carta anexada me foram explicados e que me responderam de forma satisfatória a todas as questões. Compreendo as vantagens que há na participação do estudo. Compreendo igualmente que tenho o direito de colocar, agora e durante o estudo, qualquer questão sobre o estudo, a investigação ou os métodos utilizados. Asseguraram-me da minha confidencialidade.

Pelo presente, consinto que a minha entrevista seja gravada em áudio durante a minha participação neste projeto de investigação.

Compreendo que caso queira desistir do estudo, poderei fazê-lo, uma vez que a identidade não será revelada.

Pelo presente documento, eu _____
_____ aceito participar plenamente neste estudo.

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Para qualquer questão, contactar a investigadora responsável cujo endereço de e-mail é fornecido na carta de consentimento.

Apêndice G

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao técnico do jovem A e técnico do jovem B

Tabela 2.

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao técnico do jovem A e técnico do jovem B

Técnico jovem A				Técnico jovem B			
Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos	Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos
Perfil do jovem	Percepção técnica jovem - características	Reservado	TS3.1 – Características A. – introvertido TS3.2 - Características A. – reservado TS4.2 - A. jovem reservado TS5.23 – Jovem reservado TS3-14 – Característica A. – gosta de ter o seu próprio espaço	Perfil do jovem	Percepção técnica jovem - características	Reservado	TM3.23 - B. jovem muito reservado TM6.1 - Jovem reservado
		Responsável	TS3.11 – Características A. – responsável TS3.19 – Jovem sempre muito responsável TS4.3 – Jovem cumpridor de deveres			Manipulador	TM4.2 - B. é um jovem estratega TM4.3 - Jovem manipulador TM8.15 - Jovem “frio” e “calculista”

		Sociável	TS3.3 – Características A. – capacidade para fazer amizades TS3.4 - Características A. – sociável com os amigos TS3.22 – Escola – reservado inicialmente depois mais conversador com colegas TS3.23 – Estabelece relações de amizade TS3.24 – Jovem com capacidades de socialização			Pouco sociável	TM3.22 - B. jovem pouco sociável TM8.11 - Jovem pouco sociável
		Positivo nível de maturidade	TS10.5 – Jovem com maturidade TS10.7 – A. tem maturidade para entrar universidade com responsabilidade			Postura de desconfiança nas relações	TM7.5 - Dificuldades de B. em confiar figura adulta/técnicos TM6.2 - Dificuldades em confiar em relações de amizade
		Pouco voluntarioso	TS3.15 – Característica A. – pouco voluntarioso				
		Não influencia	TS3.5 - Característica A. – não é influ-				

		ciável	enciável TS5.3 – A. não é influenciável				
		Boa capacidade aprendizagem	TS5.4 – Jovem com capacidades de aprendizagem com os erros que comete				
	Perceção técnica gostos pessoais jovem	Ler	TS3.13 – Gostos A. – gosta de ler		Perceção técnica gostos pessoais jovem	Computador	TM8.8 - Jovem gosta de computador, playstation, estar sentado, telemóveis
		Escrever	TS5.5 - Gostos A. – escrever TS5.6 -A. escreve poemas TS5.8 - A. escreve poemas sempre que instituição pede TS5.9 – Descoberta do gosto pela escrita de A. – jovem mais confiante TS5.17 – Jovem já escreve à algum tempo TS5.18 – Jovem sente-se atualmente			<u>Playstation</u>	TM8.8 - Jovem gosta de computador, playstation, estar sentado, telemóveis

			mais à-vontade para demonstra a sua faceta pela escrita				
						Telemóveis	TM8.8 - Jovem gosta de computador, playstation, estar sentado, telemóveis
	Acolhimentos antecedentes à atual instituição	Acolhimentos antecedentes à atual instituição	TS4.1 - 1.º acolhimento do jovem – centro de acolhimento temporário TS4.7 - 1.º acolhimento centro de acolhimento temporário – “choque menor”				
	Missão instituição	Acolher crianças/jovens	TS1.1 – Missão instituição – acolher tendo em conta peculiaridades criança/jovem TS1.4 - Missão instituição – acolher		Missão instituição	Acolher crianças/jovens	TM.1.1 - Missão instituição – acolher rapazes entre os 6 e os 18 anos TM12.3 - Objetivo instituição acolher durante tempo de reorganização familiar se esta for possível
		Apoio desenvolvimento	TS1.6 - Missão instituição – apoio ao desenvolvimento			Reintegração criança/jovem família ori-	TM.1.5 - Missão instituição – reintegrar criança/jovem

		integral	integral			gem/autonomização	na família origem ou autonomiza-lo
		Realização de projeto de vida	TS1.7 – Missão instituição – “resposta para a vida de cada criança e jovem”			Realização projeto de vida	TM.1.6 - Missão instituição – concretizar projeto de vida adequado a cada criança/jovem
		Incutir valores - educação	TS1.2 - Missão instituição – educar crianças/jovens tendo em conta peculiaridades de cada um TS1.3 - Missão instituição – acolher e educar considerando valores ligados à palavra educação			Potencialização características da criança/jovem	TM.1.7 - Missão instituição. – potencializar o que cada criança/jovem tem de melhor TM.1.8 - missão instituição – fazer crianças/jovens felizes
		Papel protetor	TS1.45- Missão instituição – proteger			Fomentar competências pessoais	TM.1.2 - Missão instituição – fomentar competências pessoais
						Fomentar competências escolares	TM.1.3 - Missão instituição – fomentar competências escolares

						Fomentar competências sociais	TM.1.4 - Missão instituição – fomentar competências sociais
Serviços de acolhimento institucional	Serviços instituição disponibiliza	Serviço Psicologia	TS2.14 – Instituição dispõe se serviço de psicologia	Serviços de acolhimento institucional	Serviços instituição disponibiliza	Serviço Psicologia	TM2.15 – Serviço instituição - serviço psicologia
						Protocolos serviço Psicologia externos	TM.2.16 - Serviços instituição – protocolos com serviços de psicologia com entidades fora instituição
						Protocolos serviço Terapia da Fala	TM2.17 - Serviços instituição – articulação com serviços de saúde para acompanhamento terapia da fala
						Protocolo serviço Pedopsiquiatria	TM2. 18 - Serviços instituição – articulação com serviços de saúde para acompanhamento pedopsiquiatria
	Atividades instituição dis-	Acompanhamento	TS2.1 – Instituição promove atividades		Atividades instituição disponi-	Acompanhamento escolar	TM.2.1 - Serviços instituição disponi-

	ponibiliza	escolar	ligadas à educação TS2.3 - Instituição promove tempos de estudo		biliza		biliza – acompa- nhamento escolar TM.2.2 - Acompa- nhamento escolar priorizado institui- ção – importante para integração profissional dos jovens TM.2.3 - Estudo – acompanhamento permanente educa- dores MT.2.4 - Técnico encarregado de educação – cons- tante articulação escola
		Programa competências autonomia	TS2.15 – Instituição promove programa promoção autonomia			Programa competências autonomia	TM.2.10 - Atividade instituição – Projeto para pro- moção de compe- tências de autono- mia TM.2.11 - Projeto promoção autono- mia – facilitar inte- gração ou transição crianças/jovens futuro

							<p>TM.2.12 - Projeto autonomia – promoção competências instrumentais</p> <p>TM.2.13 - Projeto autonomia – jovens mais velhos promoção competência de culinária</p> <p>TM.2.14 - Projeto autonomia – crianças promoção de competências vários níveis – auto-conhecimento, prevenção de consumo de drogas, prevenção comportamentos risco</p>
		<p>Atividades desportivas fora instituição</p>	<p>TS2.12 – Atividades fora instituição – futebol</p> <p>TS2.13 - Atividades fora instituição – rugby</p>			<p>Atividades lúdicas e desportivas fora instituição</p>	<p>TM.2.8 – Instituição tem protocolos para proporcionar várias atividades às crianças/jovens</p> <p>TM.2.7 - Instituição privilegia integração crianças/jovens atividades lúdicas e desportivas</p>

		Atividades extracurriculares instituição – teatro, culinária	TS2.7 – Instituição promove atividades extracurriculares TS2.9 – Atividades instituição – teatro TS2.10 - Atividades instituição – culinária			Atividades extracurriculares instituição – teatro, música	TM19.7 - Atividades instituição - teatro e música
		Lazer	TS2.2 – Instituição promove atividades ligadas à família TS2.4 - Instituição promove tempos de lazer TS2.6 - Instituição promove tempos de convívio entre técnicos/crianças e jovens				
		Formação	TS2.11 – Atividades instituição – ações de formação				
Experiência de acolhimento do jovem	Percepção reação jovem acolhimento institucional	Positiva reação acolhimento institucional	TS4.4 – Entrada instituição – percepção de que o jovem foi conhecendo o seu espaço TS4.5 – Adaptou-se	Experiência de acolhimento do jovem	Percepção reação jovem acolhimento institucional	Percepção inicial – positiva reação acolhimento institucional	TM4.1 – Inicialmente a reação de B. ao acolhimento muito positiva TM5.2 - B. demonstrava aparente

			bem ao acolhimento TS4.6 –Adaptação à instituição foi pro- gressiva				bem-estar
						Percepção pos- terior – negati- va reação aco- lhimento insti- tucional	TM3.2 -Jovem B. com postura relu- tante ao acolhimen- to TM5.1 - “Inicial- mente adaptação supostamente acon- teceu depois vie- mos a verificar que não”
					1.ª fase integra- ção jovem	Aparentemente positiva – so- cializa- ção/participaçã o	TM3.3 - 1.ª fase acolhimento jovem B. muito sociável TM3.4 – 1.ª fase acolhimento jovem B. muito participa- tivo TM3.24 – In- tegração com cole- gas “aparentemente sociável” TM4.4 – Na 1.ª fase acolhimento jovem B. gostava de se exibir

					Adaptação à instituição	Negativa adaptação à instituição	TM4.5 - B. nunca se adaptou à instituição
					Fatores dificultaram adaptação do jovem à instituição	Percepção de limites instituição	TM4.6 – quando B. percebeu que na instituição havia regras, limites, autoridades reagiu muito mal
						Instabilidade familiar	<p>TM3.5 – Com passar da 1.ª fase de acolhimento B. demonstra a disfuncionalidade familiar que está de trás</p> <p>TM5.4 – Percurso instituição piorando por instabilidade familiar que o rodeou</p> <p>TM5.5 – Ao perceber que não tinha suporte dos pais e que tinha que ficar na instituição ao fim de semana B. reagiu mal</p> <p>TM5.8 – Instabili-</p>

							dade familiar piorou as atitudes desafiadoras do jovem na instituição
	Percepção relação jovem/colegas instituição	Positiva relação com colegas	TS6.1 – Relação de A. com colegas da instituição positiva TS6.4 - A. relação cordial com todos os colegas TS3.20 – Colegas têm A. como referência		Percepção relação jovem/colegas instituição	Negativa relação com colegas	TM6.3 – B. leva os colegas a cometerem asneiras TM6.4 – Dificuldades de relacionamento com colegas instituição TM3.25 –B. agride verbalmente os colegas com frequência TM3.26 - B. considera-se “o melhor” perante os colegas TM3.27 – Os colegas instituição apresentam alguma rejeição face a B.
	Percepção dos colegas sobre o jovem	Bom aluno	TS6.3 – Jovens instituição admiram A. pelo seu sucesso escolar TS3.17 – Colegas instituição A. veem-				

			no como um exemplo				
		Respeitador	TS6.9 – Todos os colegas na instituição respeitam A. TS6.10 - A. respeita todos os colegas instituição				
		Pacífico	TS6.6 – Jovem não conflituoso TS6.11 – Inexistência de conflitos ente A. e colegas				
	Sentimentos colegas face jovem	Sentimentos - afeto	TS3.16 – Colegas instituição gostam de A. TS6.2 - Colegas instituição gostam muito de A. TS6.7 – Todos os colegas instituição têm boa impressão de A. e gostam dele				
	Percepção relação jovem/técnicos instituição	Positiva relação com técnicos	TS7.1 – Positiva relação entre A. e técnicos TS7.5 – Jovem reconhece importância		Percepção relação jovem/técnicos instituição	Negativa relação com técnicos - passado	TM7.1 - B. estabelece uma relação muito “tensa” com alguns técnicos TM7.3 – Má reação

			dos técnicos na sua vida				aos confrontos dos técnicos quando se comportava mal TM7.8 – Reage mal sempre que é confrontado com alguma situação TM7.10 – Anterior relação B./adultos difícil
		Proximidade moderada	TS7.3 – Jovem não estabelece contacto sistemático com técnicos TS7.4 – Jovem procura técnicos quando precisa de falar			Positiva relação com técnicos - presente	TM7.2 – Atualmente relação com técnicos “mais equilibrada” TM7.4 – Relação de B. com técnicos positiva TM7.9 – Atual relação B./adultos da instituição positiva
					Figuras de referência instituição	Ausência de figuras de referência	TM3.31 - B. não tem figuras de referência na instituição

					Realidade experienciada – negativa relação colegas	Solidão	TM3.28 - B. sente-se perdido e isolado – assume apenas em privado
	Plano educativo individual	Plano escolar – entrada universidade	<p>TS8.1 - PSEI A. – transição 12.º bons resultados</p> <p>TS8.2 - PSEI A. – orientação vocacional escolha curso</p> <p>TS8.14 – PSEI escola – integração 12.º acesso à universidade</p> <p>TS5.10 - A. vai para a universidade</p> <p>TS5.11 – Curso universidade talvez comunicação social</p> <p>TS5.16 – Possibilidade de seguir um curso ligado com a escrita</p> <p>TS10.8 – Instituição disponível para apoiar e acolher A. entrada para universidade</p>		Plano educativo individual	Plano escolar – conclusão ensino básico	TM8.3 – Projeto de vida – conclusão do 9.º ano

		Plano individual – autonomia	TS8.3 - PSEI A. – promoção autonomia TS8.4 – Jovem está atualmente num quarto individual de autonomia TS8.13 - PSEI A. – quarto individual TS8.15 - PSEI pessoal – competências de autonomia TS8.16 – PSEI pessoa – integração do jovem no apartamento autonomia			Plano individual – acompanhamento psicológico	TM8.12 – Projeto de vida – proposta de acompanhamento psicológico
						Plano familiar – residir irmã	TM8.2 – Projeto de vida – possibilidade de ficar com a irmã após a saída instituição TM10.2 - B. apresenta ligação muito forte com irmã
	Obstáculos implementação plano educativo individual	Plano educativo – condição física-fratura perna/problema	TS9.2 – Obstáculos PSEI escolar – condição física do jovem TS9.3 - Obstáculos PSEI escolar – con-		Obstáculos implementação plano educativo individual	Plano individual – acompanhamento psicológico – falta motivação	TM8.13 – Acompanhamento psicológico – com o passar do tempo manifestou relutância em prosseguir o

		joelho	dição física - fratura perna TS9.4 – Obstáculo PSEI escolar – consultas médicas joelho TS9.5 – Perceção de que condição física do jovem tem prejudicado rendimento escolar TS9.7 – Fratura da perna – faltas prejudicaram jovem a matemática 9.º ano				processo TM9.1 – Projeto de vida – acompanhamento psicológico – obstáculo falta motivação
		Plano autonomização – ausência obstáculos	TS9.8 - PSEI autonomia – ausência de obstáculos				
	Avaliação implementação plano educativo individual	Positiva avaliação global plano educativo individual	TS9.1 – Positiva implementação do PSEI				
		Positiva avaliação plano educativo individual – autonomização	TS8.5 – Jovem tem revelado boas capacidades de autonomia TS8.6 – Jovem tem				

		ção	<p>aprendido a cozinhar – programa autonomia</p> <p>TS8.7 – Boa adesão do jovem ao programa autonomia</p> <p>TS8.10 – Quarto individual – revelou responsabilidade</p> <p>TS8.11 – Quarto individual – revelou autonomia</p> <p>TS8.12 – Quarto individual – revelou competência de higiene</p>				
	Percepção percurso jovem processo acolhimento	Positivo percurso	<p>TS5.1 – Percurso A. processo acolhimento positivo</p> <p>TS5.2 - A. tem evoluído de forma estruturada ao longo processo acolhimento</p> <p>TS3.6 – Percurso instituição – bons comportamentos</p> <p>TS3.7 - “Fez uma asneirita ou outras normais que</p>		Percepção percurso jovem processo acolhimento	Negativo percurso	<p>TM5.3 – Com o passar do tempo o percurso de B. na instituição foi piorando</p> <p>TM3.19 – Trajetória do jovem instituição – maus comportamentos</p> <p>TM3.32 – Trajetória de B. – desajustada ao contexto</p> <p>TM3.21 - Trajetó-</p>

			fazem parte do crescimento”				ria do jovem instituição – comportamentos desafiadores com educadores
					Perceção atual processo acolhimento	Perceção mais positiva	TM5.9 - Atualmente jovem apresenta-se numa fase melhor da sua estadia TM11.5 - Perceção que atualmente a visão do processo de acolhimento não seja tão negativa
					Fatores contribuíram melhoria processo acolhimento	Preparação saída jovem	TM5.10 - Atualmente instituição e SS estão a preparar saída do jovem TM5.11 - Atualmente instituição e SS estão a preparar saída do jovem – possibilidade de ficar aos cuidados da irmã TM5.12 - Jovem apresenta uma melhor postura desde que compreendeu que estava a ser

							preparada uma saída sustentada TM5.16 - Tem havido melhorias no comportamento do jovem devido à preparação da saída
						Negociação entre instituição/jovem - rotinas	TM5.13 - Atualmente jovem já pode passar fim de semana na casa da irmã durante o dia TM5.14 - Atualmente é possibilitado ao jovem que almoce com a turma TM5.15 - Instituição tem negociado pequenos passos para jovem dar e evitar comportamento desafiador TM7.6 - Técnicos tentam sempre negociar com o jovem para evitar problemas de comportamento

	Percepção representação processo acolhimento	Positiva representação processo acolhimento	TS11.1 – Representação de A. processo acolhimento – positivo TS11.6 – Integração positiva do acolhimento na sua vida TS11.8 – Jovem gosta de estar na instituição		Percepção representação processo acolhimento	Negativa representação processo acolhimento	TM11.1 - B. tem uma representação negativa do processo de acolhimento na instituição TM11.6 - B. tem uma percepção negativa do processo de acolhimento TM11.7 - Percepção que o jovem nunca integrou a experiência de acolhimento – dificultando a sua estadia TM3.30 - B. apresenta sentimentos de rejeição face à estadia na instituição
	Percepção representação instituição	Positiva representação instituição	TS11.2 – Percepção de que A. reconhece o trabalho da instituição na sua vida TS11.7 – Jovem reconhece importância instituição na sua vida		Percepção representação instituição	Negativa representação instituição	TM11.2 - B. não reconhece o trabalho feito pela instituição com ele

	Perceção futuro jovem - projeto de vida	Positiva percepção projeto escolar	TS10.1 – Perceção do futuro do jovem – projeto de vida- entrada na universidade TS10.2 – Perceção do futuro do jovem – projeto de vida – termine o curso universidade TS10.10 – Projeto futuro A. – percurso académico		Perceção futuro jovem - projeto de vida	Positiva percepção projeto escolar	TM9.2 - Projeto de vida – escola – percepção que irá concluir 9.º ano com eficácia
		Positiva percepção projeto autonomização	TS10.3 – Perceção do futuro do jovem – projeto de vida – comece a construir a sua vida TS10.11 – Projeto futuro A. – autonomização			Perceção dificuldades projeto vida familiar – fragilidade relação jovem/irmã	TM10.6 - Reconhece algumas reservas em termos de projeto de vida no futuro TM10.4 - Perceção de que no futuro se o jovem não respeitar regras a irmã deixará de prestar suporte
Família de origem do jovem	Perceção importância família processo acolhimento	Positiva importância família processo acolhimento	TS12.1 – Reconhecimento positivo da importância da família no processo de acolhimento	Família de origem do jovem	Perceção importância família processo acolhimento	Positiva importância família processo acolhimento	TM12.1 - Perceção de que a família é fundamental no processo de acolhimento

		lhimento	TS12.3 - A família deve ser respeitada independentemente da sua dinâmica e valores				TM12.2 - Perceção de que a família é fundamental no processo de acolhimento – instituição não visa substituir a família TM12.8 – “Nós não conseguimos chegar ao filho se não tivermos a família do nosso lado”
		Positiva colaboração família- resultados positivos	TS12.2 – Perceção de que quanto maior a colaboração familiar melhor o acolhimento			Positiva colaboração família- resultados positivos	TM12.7 - Importância que a família tenha confiança e colabore com instituição
		Positiva compreensão papel instituição - resultados positivos	TS12.6 – Família reconhece função da instituição grande probabilidade sucesso TS12.8 – Reconhecimento da família do papel da instituição importante para o sucesso do trabalho			Positiva compreensão papel instituição- resultados positivos	TM12.6 - Importância de qua a família reconheça a instituição como entidade aliada para apoiar filhos

			TS12.5 – Percepção de que a família impede o trabalho instituição com criança/jovem pouca probabilidade de sucesso				
		Família - figuras referência criança/jovem	TS12.4 – Percepção que a família é importante para as crianças/jovens			Família - figuras referência criança/jovem	TM12.14 - A família é geralmente a figura de referência das crianças/jovens ainda que disfuncional
						Positiva confiança instituição-resultados positivos	TM12.13 - Importância que a família sinta confiança na instituição
					Fatores facilitadores relação positiva instituição/família	Contacto instituição antes acolhimento	TM12.9 - Percepção de que é fundamental contacto prévio com a família antes do acolhimento
						Conhecimento trabalho instituição	TM12.10 - Percepção de que é fundamental mostrar o trabalho desenvolvido pela instituição

							ção antes do acolhimento aos pais
	Relação jovem/família processo acolhimento	Positiva relação jovem/família	TS13.2 – Positiva relação de A./família TS13.4 - A. estabelece relação positiva com família TS3.9 - A. manteve sempre relação de maio proximidade com irmão mais velho TS3.10 - A. mantém uma boa relação com irmão mais novo		Relação jovem/família processo acolhimento	Ambivalente relação jovem/família – aceitação/rejeição	TM3.6 - Pai de B. apresentava práticas educativas inconstantes – deixava-o fazer tudo/rejeição de B. em casa aos fins de semana TM13.1 - Relação família/B. ao longo do acolhimento ambivalente TM13.2 - Pai relação de suporte/rejeição – instabilidade B. TM13.3 - Mãe mostra-se muito preocupada/ausente quando necessário TM13.6 - Laços frágeis e ambivalentes de B. com irmã
	Regularidade de contactos	Regulares contactos	TS13.1 - A. mantém contactos regulares		Regularidade de contactos jo-	Rutura contactos jo-	TM3.10 – B. apresenta falta de apoio

	jovem/família	jo- vem/família	com família – fins de semana, férias TS11.11 – Jovem estabelece contacto com família nuclear		vem/família	vem/família	familiar TM3.11 - Após entrada instituição B. deixa de ter quem o recebesse TM3.12 - Após entrada instituição B. deixa de ter quem o recebesse – incompatibilização e rejeição pelo pai TM3.13 - Rejeição de pai de B. ao jovem não manifes- ta – dizia ausentar- se do país quando na realidade não estava TM3.34 - B. é um jovem sem suporte TM10.1 - B. apre- senta “laços muito frágeis e a base familiar é quase inexistente” TM13.4 - Avôs figuras de suporte e controle/rejeição de B. a avôs
--	---------------	--------------------	--	--	-------------	-------------	--

						Proximidade jovem/irmã mais velha	TM3.35 - B. apresenta uma ligação muito forte com irmã mais velha TM10.2 - B. apresenta ligação muito forte com irmã TM13.5 - Irmã de B. figura de referência
	Sentimentos permanentes jovem/família	Relação de afeto	TS4.8 – Relação afetuosa entre A. e família TS4.10 - A. relação de afeto como os pais TS13.3 – Percepção de que há afeto entre A. e família				
	Aspetos positivos trabalho família jovem	Acolhimento precoce	TS16.6 – Entrada de A. e irmãos em idades precoces instituição benéfico para formação				
		Reconhecimento família - trabalho instituição	TS14.1 – Pai de A. reconhece trabalho da instituição TS14.4 – Pai de A. reconhece vantagens				

			<p>no processo de acolhimento dos filhos na instituição</p> <p>TS14.5 – Mãe de A. reconhece trabalho desenvolvido pela instituição</p> <p>TS16.5 – Aspectos positivos trabalho família A. – reconhecimento trabalho da instituição</p> <p>TS15.4 – Pai de A. compreensivo com instituição</p>				
		Relação proximidade família/instituição	<p>TS15.1 – Aspectos positivos trabalho com família A. – relação proximidade</p> <p>TS15.3 – Instituição sempre procurou estabelecer relação próxima com família A.</p> <p>TS15.5 – Pai de A. compreensivo com instituição – proximidade entre ambos</p> <p>TS15.2 – Instituição</p>				

			procura ajudar família – visitas				
		Relação afeto família/jovem	TS16.4 – Aspectos positivos trabalho família A. – existência de afeto				
	Dificuldades trabalho família jovem	Personalidade pai jovem	TS16.1 – Dificuldades trabalho família A. – personalidade do pai TS14.3 – Pai de A. apresenta personalidade difícil TS14.6 – Pai de A. apresenta postura difícil de se lidar TS14.7 – Pai de A. postura que intimida		Dificuldades trabalho família jovem	Personalidade pai jovem	TM16.5 - Pai de B. pessoa agressiva
		Perpetuação problemas origem acolhimento	TS16.2 – Dificuldades trabalho família A. – motivos do acolhimento permanecem TS16.7 - Dificuldades trabalho família A. –perpetuação de problemas origem acolhimento			Relação ambivalente mãe/instituição	TM15.3 - Relação mãe B./instituição ambivalente

						Relação conflituosa mãe/instituição	<p>TM15.1 - Relação da família com a instituição conflituosa sobretudo com a mãe</p> <p>TM15.2 - Percepção de que mãe do jovem promove atitudes em B. contra instituição</p>
						Pouco envolvimento família jovem processo acolhimento	<p>TM15.4 - Atualmente pai B. não mantém relação instituição</p> <p>TM16.6 - Pai de B. tem estado ausente</p> <p>TM14.1 - Envolvimento muito frágil dos pais no processo de acolhimento</p> <p>TM14.2 - Irmã de B. apresentou pouco envolvimento ao longo do processo de acolhimento</p>
						Desresponsabilização família	<p>TM16.1 - Dificuldades trabalho família B. – falta de compromisso em se</p>

							reorganizar para receber B. TM16.2 - Dificuldades trabalho família B. – família desresponsabiliza-se
						Incapacidade pais/irmã suporte jovem	TM3.14 - Pai de B. não apresenta possibilidade de suporte para o jovem TM3.15 - Casa da mãe de B. não apresenta condições habitacionais TM3.16 - Mãe de B. sofre de violência física por parte do companheiro TM3.36 - Irmã não apresenta condições para cuidar de B. TM8.1 - Pais não reúnem condições para jovem regressar a casa

Experiência escolar do jovem	Percepção percurso escolar jovem – características aluno	Bom aluno	TS3.12 – Características A. – bom aluno TS3.18 – Jovem sempre muito estudioso TS9.6 – Jovem com bom rendimento escolar	Experiência escolar do jovem	Percepção percurso escolar jovem	Negativo percurso inicial – faltas às aulas	TM3.20 - Trajetória escolar do jovem instituição-faltas às aulas
		Aluno responsável	TS3.21 – Características como aluno – responsável TS5.19 – Aluno mostra toda a informação à encarregada de educação TS5.20 – Aluno – jovem sabe as datas de avaliações TS5.22 – Jovem muito responsável com vertente escolar			Positivo percurso atual – melhoria comportamento	TM3.38 - Na escola B. é dos elementos da turma com melhor comportamento
		Aluno motivado	TS5.21 – Aluno – estuda por iniciativa própria			Positivo percurso atual – presença aulas	TM8.5 - Grande melhoria na presença das aulas após entrada instituição

Interação entre a instituição e a comunidade	Participação jovem atividades comunidade	Não participa atividades permanentes	TS18.1 – Atualmente jovem não participa atividades – motivo estudos TS17.5 – Não participação em mais atividades extracurriculares – opção pessoal de A.	Interação entre a instituição e a comunidade	Participação jovem atividades comunidade	Não participa atividades permanentes	TM18.1 - B. não participa em atividade TM8.7 - B. não quer participar em atividades extracurriculares TM17.3 - B. não participa em atividades fora de instituição por opção TM19.8 - B. nunca aderiu a atividades
		Participação outras atividades comunidade – passeios, piscina, praia	TS19.7 – Atividades inseridas na comunidade instituição promove – passeis anuais – participação A. TS19.8 – Atividades inseridas na comunidade instituição promove – piscina – participação A. TS19.9 – Atividades inseridas na comunidade instituição promove – praia - participação A.				

	Participação jovem atividades instituição	Programa autonomia	TS18.2 – Atividades envolvidas atualmente – programa autonomia				
					Percepção importância experiências comunidade jovens em geral	Socialização	TM19.1 - Importância experiência comunidade – socialização dos jovens
						Conhecer novos locais	TM19.2 - Importância experiências comunidade – conhecer novos locais
						Espírito de grupo	TM19.4 - Importância experiências desportivas comunidade – espírito de equipa, coesão TM.2.9 - Importância de crianças/jovens sentirem sucesso nas atividades que escolhem – importante para espírito de grupo

						Favorece auto-estima	TM19.6 - Atividades potenciam o melhor dos jovens – aumento da auto-estima
						Atividades desportivas promotoras sucesso escolar	TM19.5 - Importância experiências desportivas comunidade – treinadores privilegiam sucesso escolar
	Perceção importância experiências comunidade jovem	Sentimentos de pertença comunidade	TS19.1 - A. não se sente diferente dos colegas – referiu numa entrevista dada TS19.2 – Perceção da importância de A. não se sentir diferente dos colegas TS19.5 - “A. não se sente diferente dos colegas isso mostra toda a relação com a comunidade” TS11.10 – Jovem não se sente diferente por viver na insti-				

			<p>tuição TS19.3 - É facultado a A. oportunidade como a jovens de fora da instituição TS19.6 – Instituição proporciona atividades para A. se sentir integrado na comunidade</p>				
		Desenvolvimento integral	<p>TS19.10 – Percepção de que é importante participação de A. atividades comunidade para desenvolvimento</p>				
	Percepção inserção jovem sociedade	Rotinas jovem inseridas comunidade	<p>TS17.1 – Inserção de A. comunidade – escola pública até 9.º ano TS17.2 - Inserção de A. comunidade – escola pública até 12.º ano TS17.4 – Inserção de A. comunidade – participação desporto escolar no ensino básico – ténis de mesa</p>		Percepção inserção jovem sociedade	Rotinas jovem inseridas comunidade	TM17.1 - Instituição procura que jovens tenham rotinas inseridas na sociedade

			TS17.8 – Centro de saúde A. é da comunidade TS17.9 – Todos os serviços que necessita A. são da comunidade				
	Perceção papel sociedade civil para com jovens acolhimento institucional	Menos preconceito	TS20.1 – Perceção que a sociedade deveria ter menos preconceito face aos jovens acolhidos		Perceção papel sociedade civil para com jovens acolhimento institucional	Maior compromisso	TM20.1 - Papel sociedade civil com jovens – compromisso TM20.2 - Papel sociedade civil com jovens – potenciar capacidades crianças/jovens
		Menos ideias preconcebidas	TS20.2 – Perceção que a sociedade deveria ter menos ideias preconcebidas face aos jovens acolhidos TS20.4 – Visão da sociedade das instituições muito baseada na comunicação social TS20.8 – Ideias preconcebidas da sociedade face a jovens			Positiva perceção envolvimento comunidade/instituição - voluntários	TM20.3 - Perceção de que a comunidade se envolve com trabalho da instituição TM20.4 - Diversos voluntários procuram ajudar na instituição TM20.5 - Voluntários fundamentais à dinâmica da instituição TM20.6 - Empre-

			acolhidos – “delinquentes. órfãos, coitadinhos, feios”				<p>sas e organismos procuram ajudar instituição com donativos</p> <p>TM20.7 - Empresas e organismos procuram ajudar instituição – campanhas – envolvimento da sociedade</p> <p>TM20.8 - Comunidade apoia na colónia de férias dos jovens</p>
		Conhecer realidade instituições	<p>TS20.3 – Sociedade civil deveria conhecer melhor a realidade de instituições</p> <p>TS20.6 – Quando comunidade conhece os jovens passam a vê-los como são e não como jovem da instituição</p> <p>TS20.7 – Quando comunidade conhece jovens instituição reconhecem-nos como “normais”</p>				

		Entidades/organismos conhecer melhor realidade instituições	TS20.5 – Comunicação social transmite ideia deturpada das instituições TS20.10 – Entidades deveriam conhecer realidades das instituições TS20.11 - Comunicação social deveria conhecer realidade instituições – evitar transmissões deturpadas				
--	--	---	--	--	--	--	--

Apêndice H

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao jovem A e jovem B

Tabela 3.

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao jovem A e jovem B

Jovem A				Jovem B			
Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos	Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos
				Perfil do jovem	Percepção de si mesmo	Autopercepção negativa /características	M1.1 – Jovem – dificuldades falar sobre si M1.2 - Jovem – tímido
						Hobbies– jogar computador	M1.4 – Gostos – jogar computador, passear amigos
						Hobbies – passear amigos	M1.4 – Gostos – jogar computador, passear amigos
						Autopercepção negativa do comportamento	M3.6 – Percepção de que só faz asneiras
Experiência de acolhimento do jovem	Acolhimentos antecedentes à atual	Acolhimentos antecedentes à	S7.1 – História prévia de acolhimento nou-	Experiência de acolhimento do jovem	Ausência de acolhimentos antecedentes	Ausência de acolhimentos antecedentes	M11.1 – Anteriores medidas de acolhi-

	instituição	atual instituição	tra instituição				mento – inexistente
					Motivo acolhimento institucional	Problema comportamento	M5.3 – Antes da entrada na instituição – faltas às aulas, desrespeito a professores M7.4 – Antecedentes acolhimento – tentativa de agressão do tio M7.5 – Tentativa de agressão por parte do tio levou ao acolhimento institucional
	Conhecimento medida de acolhimento institucional	Fontes: Pais jovem	S7.12 – Tomou conhecimento da medida de acolhimento através do pai S7.14 – Os pais deram conhecimento da medida ao jovem S7.17 – Informação dada		Conhecimento medida de acolhimento institucional	Fonte: Juiz	M7.3 – Jovem soube da medida de acolhimento – juiz

			pelos pais sobre a medida – “vão para uma instituição”				
		Conteúdo – mudança frequência de contacto	S7.15 – Informação dada pelos pais sobre a medida – “vocês agora não vão poder estar mais connosco durante a semana”				
		Conteúdo – continuidade de contacto com pais	S7.16 - Informação dada pelos pais sobre a medida – “só vão vir a casa ao fim de semana” S7.19 – Informação dada pelos pais so-				

			bre a medida – “mas nós só vamos estar ao fim de sema- na”				
		Conteúdo - aspectos po- tencialmen- te positivos acolhimento	S7.18 - Infor- mação dada pelos pais so- bre a medida – “vão ter muitos amigos				
	Reação asso- ciada medida de acolhi- mento	Experiência difícil	S7.20 – Rea- ção ao tomar conhecimento da medida – “Foi difícil ouvir aquilo, claro que eu tive que pare- cer forte, afinal eu tinha um irmão mais novo lá, mais foi difícil” S7.2 – Consci- ente de que o		Reação associ- ada medida de acolhimento	Desagrado	M7.1 – Experiência da medida de aco- lhimento – não gos- tou

			acolhimento institucional não foi fácil S7.3 – Acolhimento institucional m “muito difícil				
	Representação atual da instituição para jovem	Lar	S5.1 – “Esta casa é a minha segunda casa” S5.2 – Passa mais tempo na instituição do que em casa		Representação atual da instituição para o jovem	Ausência representação	M5.1 – Atual representação instituição – “Nada”
		Amizades	S5.3 – Representação instituição – amigos		Sentimentos associados permanência instituição	Sentimentos – vergonha	M5.2 – Sentimentos permanência instituição – vergonha
		Aprendizagem	S5.4 - Representação instituição – aprendizagens S1.7 – Percepção do valor da instituição na sua aprendiza-				

			gem S1.10 – Importância da instituição para a aprendizagem e desenvolvimento ao longo da vida				
		Vivências positivas	S5.5 – Representação instituição – histórias vividas S5.6 – Representação instituição – lembranças inesquecíveis				
		Identidade próprio	S1.6 - “Acho que isto já faz parte de mim e já me, de certa forma, já me define de alguma maneira” S5.7 – Representação instituição – “no fundo repre-				

			sentam-me a mim”				
	Integração na instituição	Habituação difícil	<p>S8.6 – Percepção de que o jovem e o irmão mais velho sentiram muito a mudança</p> <p>S8.7 – Percepção de que a mudança foi difícil</p> <p>S7.7 – Tempos difíceis na 1.ª fase de adaptação ao acolhimento</p>		Integração na instituição	Habituação difícil	<p>M8.1 – Habituação instituição – difícil</p> <p>M2.2 – Adaptação à instituição – difícil</p> <p>M2.3 – Preferência por estar em casa</p>
		Irmãos como fonte de suporte	<p>S8.2 - 1.ª fase na instituição estava sempre com o irmão mais velho</p> <p>S8.4 - 1.ª fase na instituição</p>				

			passava muito tempo com os dois irmãos				
	Fatores facilitadores integração instituição	Positiva relação com colegas	S8.8 – Reconhecimento da importância dos amigos da instituição no processo de integração à instituição S7.10 – Percepção da importância dos colegas o envolverem em brincadeiras na fase de acolhimento		Fatores facilitadores integração instituição	Positiva relação com colegas	M8.2 – Recepção instituição – positiva
		Percepção de apoio recebido	S7.8 – Jovem apoiado e integrado pelos colegas quando acolhido nas duas instituições				

			S8.9 – Exemplo de ajuda dada pelos colegas para a integração na instituição				
		Percepção de limites adequados nas relações interpessoais	S7.9 – Percepção da importância dos colegas não fazerem perguntas sobre passado na fase de acolhimento				
		Sentimento de bem-estar	S1.5 – “Sinto-me bem aqui”				
		Acolhimento com irmãos	S7.4 – Acolhimento facilitado pela presença de 2 irmãos S7.5 – “Eu de certa maneira não me senti tão sozinho				

			como alguns que vem páqui” S7.6 – Percepção de que os filhos únicos de sentem isolados quando acolhidos				
					Fatores dificultam integração instituição	Acolhimento tardio	M2.4 – Acolhimento tardio – dificuldades em habituar-se
						Problemas de comportamento	M3.7 – Quebra de regras instituição – fugas M3.8 – Quebra de regras instituição – desrespeito a educadores
						Pouco tempo de permanência instituição	M11.4 – Jovem passa pouco tempo na instituição
						Não participa atividades instituição	M3.4 – Atividades na instituição – não participa M3.5 – Atividades instituição – não quer participar

						Desejo de sair da instituição	M12.2 – Manifesta vontade por sair da instituição M12.3 – Manifesta vontade por sair da instituição – “é que nem vou olhar duas vezes” M12.3 – Desejo de retorno à família de origem – passar mais tempo com as pessoas que gosta
	Percepção sobre palavra instituição	Representação de Família	S2.1 – Representação de instituição – família S2.2 – Percepção de ter duas famílias, a de casa e a da instituição S2.3 – Instituição/família – “é uma grande família que já faz parte de mim”		Percepção sobre palavra instituição	Não atribuição de significado	M2.1 – Significado da instituição – “Nada”

	Perceção de aspetos negativos instituição	Perceção menor liberdade	S13.1- Desvantagens viver na instituição menos liberdade do que em casa		Perceção de aspetos negativos instituição	Perceção menor liberdade	M4.2 – Aprecia menos instituição – falta de liberdade M4.3 – Perceção da falta de liberdade que tem na instituição M4.4 – Exemplo de falta de liberdade – castigo
		Horários rígidos	S3.1 – Perceção de que estar na instituição não é tão fácil como estar em casa S3.2 – Necessidade de cumprir horários na instituição S3.3 – Necessidade de cumprir horários na instituição – exemplo horário matinal S4.7 – Aprecia menos instituição – “horários			Tempo limitado família	M13.3 – Desvantagens viver na instituição - pouco tempo com família

			<p>complicados” S13.2 - Desvantagens a instituição – horários mais rigorosos para cumprir nas saídas à noite S13.3 - Desvantagens instituição – só excepcionalmente podem sair até mais tarde à noite</p>				
		<p>Conflitos colegas</p>	<p>S3.7 – Existência de conflitos passageiros com os colegas da instituição S13.4 - Desvantagens instituição – o facto de serem mais pessoas há mais conflitos S9.2 – Reconhecimento de</p>				

			que há elementos da casa com quem tem mais conflitos				
	Percepção aspectos positivos instituição	Relação com colegas	S3.8 – Reconhecimento de que há sempre colegas disponíveis na instituição para falar S4.1 – Aprecia mais instituição – vivência como família		Percepção aspectos positivos instituição	Relação com colegas	M4.1 –Aprecia mais instituição – amigos
		Relação com colaboradores e técnicos	S3.5 – Convive com jovens, colaboradores e técnicos				
		Percepção companhia permanente	S13.5 – Vantagens instituição – tem sempre alguém disponível para o ouvir e rir consigo				

		Atividades tempos livres	<p>S13.6 - Vantagens instituição – tem atividades para os tempos livres</p> <p>S13.7 - Vantagens instituição – atividades tempos livres – computador, play-sattion, bilhares, matrecos, campo de futebol</p> <p>S13.8 - Vantagens instituição – atividades que proporciona nos tempos livres torna-os mais saudáveis</p> <p>S1.8 – Instituição incentiva – fazer coisas diferentes</p>				
		Crescimento pessoal	S1.9 - Instituição incentiva –				

			crescimento pessoal				
		Sucesso escolar	<p>S1.12 – Exemplo – probabilidade de se distanciar dos estudos se não fosse para a instituição</p> <p>S1.13 – Incentivo aos estudos por parte das pessoas da instituição desde que foi acolhido</p> <p>S1.14 – Percepção de que o acolhimento precoce levou a focar-se nos estudos</p> <p>S12.2 – Experiência acolhimento positiva – na instituição teve o sucesso acadêmico que em</p>				

			<p>casa não teria tantas hipóteses de ter</p> <p>S12.3 – Em cada teria possivelmente menos sucesso académico – más influências</p> <p>S12.4 – Em cada teria possivelmente menos sucesso académico – menos recursos do que na instituição</p> <p>S12.5 – Perceção de que na instituição há sempre alguém disponível para o ajudar nas tarefas escolares</p>				
		Apoio orientação	S10.8 – Os técnicos estão				

		vocacional	a ajudá-lo a decidir o curso S10.11 – Gestor de caso ajuda o jovem na escolha do curso S10.12 – Gestor de caso tem apresentado várias opções de cursos para o jovem				
	Perceção relacionamento pessoas instituição	Positiva relação	S9.1 – Positivo relacionamento com todas as pessoas da casa S9.4 – Relaciona-se bem com todas as pessoas da instituição		Perceção relacionamento pessoas instituição	Razoável relação	M9.1 – Relação pessoas instituição – “normal, nem boa nem mau”
		Positiva relação colegas	S9.5 – Gosta de brincar com todos os jovens da instituição do mais novo			Negativa relação técnicos	M3.10 – Relação com gestora de caso – difícil M8.3 – Perceção de que os técnicos não

			<p>ao mais velho</p> <p>S9.8 – Percepção de que todos os jovens da instituição são simpáticos para ele</p> <p>S9.9 – Percepção de que é simpático para todos os jovens da instituição</p>				<p>são o que esperava</p> <p>M8.4 – Percepção da inconstância dos técnicos – “à nossa frente...dizem uma coisa”</p> <p>M8.5 – Percepção da inconstância dos técnicos – “quando vêm os pais ou assim já falam direitinho para eles”</p>
						Negativa relação educadores	M3.9 – Relação com educadores – difícil
	Fatores facilitadores relacionamento pessoas instituição	Características/ atitudes pessoais	<p>S9.3 – Reconhece a importância de ser uma pessoa calma e pacífica para se relacionar bem com todos</p> <p>S9.9 – Percepção de que é simpático para</p>				

			<p>todos os jovens da instituição</p> <p>S23.1 – Reconhece que sempre se deu bem com as pessoas no geral</p> <p>S23.2 – Apesar de não ser muito de falar sempre se deu bem com as pessoas no geral</p> <p>S23.3 – Considera que cria uma relação de empatia com as pessoas de um modo geral</p>				
	Procura suporte emocional	Dificuldade procurar suporte emocional	S9.1.1 – Suporte emocional - reconhece que não gosta muito de falar para as pessoas		Procura suporte emocional	Não procura suporte emocional	M9.1.1 – Não procura suporte emocional

			S9.1.2 – Suporte emocional – prefere guardar para si e escrever				
		Suporte emocional irmão mais velho	S9.1.3 – Suporte emocional – 1.ª pessoa a quem recorre é ao irmão S9.1.4 – Procura irmão para falar porque viveu toda a experiência de acolhimento com ele S8.1 Estabelece uma relação muito próxima com o irmão mais velho				
		Suporte emocional amigos instituição	S9.1.5 – Reconhecimento de que tem vários amigos na instituição a quem também recor-				

			re para falar				
		Suporte emocional gestor de caso	S9.1.6 – Recorre ao gestor de caso quando precisa de falar com um adulto S9.1.7 – Dos técnicos é com o seu gestor de caso que mais fala S9.1.8 - É com o seu gestor de caso que mais fala porque este está a par de toda a sua história				
	Perceção Plano Educativo Individual	Projeto formação académica	S1.2 – Está a concluir o 12.º ano S10.7 – Entrada para a universidade faz parte do PSEI S1.3 – Pretende seguir para		Perceção Plano Educativo Individual	Projeto regresso família	M.10.1 – Plano educativo individual – retorno família origem

			<p>a universidade</p> <p>S1.4 – Incerteza no curso – talvez comunicação social</p> <p>S10.13 – O jovem está a pensar seguir comunicação social</p>				
	<p>Perceção participação construção Plano Educativo Individual</p>	<p>Positiva participação construção Plano Educativo Individual</p>	<p>S10.1.1 – Participação na construção do PSEI</p> <p>S10.2 – Discussão do seu PSEI com algumas pessoas da instituição</p> <p>S10.3 – Discussão do PSEI com diretor instituição</p> <p>S10.5 – Discussão do PSEI com gestor de caso</p>		<p>Perceção participação construção Plano Educativo Individual</p>	<p>Positiva participação construção Plano Educativo Individual</p>	<p>10.1.1 – Plano Educativo Individual – participação do jovem</p>

			S10.6 – Discussão do PSEI com encarregada de educação				
	Perceção melhor momento experiência acolhimento instituição atual/ outras instituições	Positiva perceção melhores momentos	S11.3 – Considera que existem vários melhores momentos na experiência de acolhimento		Perceção melhor momento experiência acolhimento instituição atual	Negativa perceção melhores momentos	M.11.2 – Não recorda momentos positivos experiência de acolhimento
		Receção colegas instituição	S11.4 – Melhores momentos experiência acolhimento – forma como os colegas da instituição o receberam S11.5 – Melhores momentos experiência acolhimento – forma como os colegas da instituição o				

			receberam – procuraram conhece-lo e saber o que gostava de fazer				
	Percepção pior momento experiência acolhimento instituição atual/ outras instituições	Pais deixam jovem instituição 1. ^a vez	S11.1 – Pior momento experiência de acolhimento – 1.º dia quando os pais os levam à instituição para ficar S11.2 – Considera o momento em que os pais deixam os filhos na instituição pela 1. ^a vez o momento mais marcante não só para ele como para todos		Percepção pior momento experiência acolhimento instituição atual	Negativa percepção pior momento	M.11.3 – Não recorda momentos experiência acolhimento negativos
	Percepção da experiência acolhimento	Positiva percepção	S12.1 – Experiência acolhimento está a		Percepção da experiência acolhimento	Negativa percepção	M12.1 – Percepção experiência acolhimento – negativa

			ser positiva				
	Proposta mudança instituição	Positiva percepção funcionamento instituição – não propõe mudanças	S6.1 – Não mudava grande coisa na instituição S6.2 – Jovem gosta da instituição como está S6.3 – Instituição funciona corretamente S6.4 – Instituição – “acho que não mudava mesmo nada”		Proposta mudança instituição	Flexibilidade horária	M6.1 – Proposta mudança instituição – horários mais flexíveis
Família de origem do jovem	Percepção conceito família	Atribuição conceito a família nuclear	S14.1 – Atribui a representação da palavra aos seus pais S14.3 – Atribui representação da palavra família aos irmãos	Família de origem do jovem	Percepção conceito família	Ausência de representação	M14.1 – Incapaz de explicar o conceito de família

		Atribuição conceito a colegas instituição	S14.5 – Atribui a representação da palavra família-colegas da instituição				
		Atribuição conceito a técnicos instituição	S14.6 – Considera alguns técnicos como seus tios S14.7 - “Basicamente eu lembro-me de todos eles quando ouço a palavra família...tenho uma família muito grande”				
	Relação jovem/família passado	Positiva relação	S16.1 – Relação positiva com família no passado S16.2 – Positiva relação no passado com os pais S16.3 – Positiva relação no		Relação jovem/família passado	Positiva relação	M16.1 – Relação positiva com família no passado

			passado com a avó paterna				
	Relação jovem/família presente	Positiva relação	S17.4 – Relação presente com a família – continua a estar e a falar muito com eles S14.2 - “Eu gosto muito dos meus pais” S14.4 - “Tenho uma irmã pequena...basicamente é a pessoa que eu mais gosto”		Relação jovem/ família presente	Positiva relação	M17.1 – Relação atual de proximidade com a família
		Relação menor proximidade	S17.2 – Relação presente com a família – “estou um pouco mais afastado deles” S17.1 – Perceção de que quando se é mais novo se é mais próximo				

			da família				
	Diferenças instituição/família	Percepção maior apoio instituição	S15.1 – Diferenças instituição e família – mais apoio durante o dia na instituição		Diferenças instituição/família	Percepção menor liberdade instituição	M15.1 – Diferenças instituição e família – família mais liberdade para sair com amigos
	Semelhanças instituição/família	Percepção de promoção do seu bem-estar	S15.2 – Semelhanças instituição/família – todos querem o seu bem S15.3 - Semelhanças instituição/família – todos o apoiam S15.4 - Semelhanças instituição/família – todos o incentivam a fazer o que gosta		Semelhanças instituição/família	Ausência semelhanças	M15.2 – Não identifica semelhanças entre instituição/família

Experiência escolar do jovem	Percepção conceito escola	Formação/aprendizagem	S18.1 – Significado da palavra escola – “futuro” S18.2 - A escola “é onde nos começamos a formar como pessoas”	Experiência escolar do jovem	Percepção conceito escola	Ausência representação	M18.1 – Significado de escola – “nada”
		Amizades	S18.3 – Percepção de que na escola se fazem amizades que permanecem no tempo e que são um apoio				
	Aspectos positivos escola	Aprender	S19.2 – Na escola sempre gostou de aprender S19.1 – Reconhece que sempre gostou de ir às aulas		Aspectos positivos escola	Ausência aspectos positivos	M19.1 – Gosta na escola – nada
		Amizades	S19.3 – Na escola gosta dos amigos				

			S19.4 – Perceção de que na escola se fazem muitas amizades				
		Boas condições	S19.10 - O jovem consideram que a escola que frequenta tem ótimas condições				
	Aspetos negativos escola	Aulas de manhã cedo	S19.5 – Na escola não gosta de entrar cedo de manhã				
		Blocos de aulas grandes	S19.6 – Na escola não gosta de blocos de aulas muito grandes S19.8 – Considera que os blocos de aulas deveriam ser mais pequenos S19.11 - O único espeto				

			apontado como negativo é o facto “das aulas serem grandes demais”				
	Fatores contribuíram para progressão nos estudos	Incentivo do pai	<p>S16.4 – Reconhecimento de que o pai o incentiva a estudar</p> <p>S16.5 – No 9.º ano jovem penso prosseguir a via profissional mas o pai incentivou-o a ir para o 12.º “quem sabe até à universidade”</p> <p>S16.6 – Considera que a opinião do seu pai foi muito importante para o percurso escolar</p>		Fatores dificultam integração escola	Ausência relações amizades	M19.2 – Inexistência de relações de amizade na escola

	Projetos escolares futuros	Entrada universidade	S20.1 – Projetos futuros – entrada na universidade – talvez comunicação social		Projetos escolares futuros	Conclusão curso atual	M20.1 – Projetos futuros – terminar o curso
						Realização curso fotografia	M20.3 – Curso fotografia
					Projetos pessoais	Carta de condução	M20.2 – Projetos futuros – carta de condução
	Proposta mudança escola	Menor carga horária	S21.1 – Proposta mudança escola – aulas menos longas		Proposta mudança escola	Menor carga horária	M21.1 – Proposta mudança escola – menos carga horária
	Perceção conceito amigos	Perceção elementos família	S22.1 – Atribuição do significado da palavra amigos a família S22.2 – Considera os amigos a 2.ª família S22.3 – Considera os amigos como irmãos		Perceção conceito amigos	Perceção de apoio	M22.1 – Conceito de amigos – “são aqueles que tão lá quando mais nós precisamos”

	Relação amigos - passado	Positiva relação amigos	S23.4 - A relação no passado com os amigos era positiva S23.5 – Nunca teve inimizades no passado S23.6 – Considera que os amigos “sempre foram mesmo amigos”		Relação amigos - passado	Positiva relação amigos	M23.1 – Relação positiva com os amigos no passado
	Relação amigos - presente	Positiva relação amigos	S14.1 - A relação com os amigos não mudou do passado para o presente S24.3 - “No fundo a essência manteve-se, pelo menos é o que eles (amigos) dizem e acho que não mudou muita coisa” S17.3 – Atualmente a rela-		Relação amigos - presente	Positiva relação amigos	M24.1 – Relação positiva com amigos no presente

			ção é mais próxima com os amigos S24.2 – Existência de amizades de longos anos				
Interação entre instituição e a comunidade	Participação atividades comunidade	Participação em atividades passado – voluntariado	S25.3 – Já fez voluntariado – cuidar de crianças nas férias	Interação entre instituição e a comunidade	Participação atividades comunidade	Não participa atividades comunidade	M25.1 – Não participa nas atividades da comunidade
		Atualmente – não participa	S25.1 – Atualmente não participa em atividade na comunidade S25.2 – A não participação em atividades na comunidade atualmente deve-se ao facto de ter de estudar para exames nacionais				

	Percepção importância participação atividades comunidade	Positiva importância atribuída participação atividades comunidade	<p>S25.5 - “Gosto de me sentir um cidadão útil”</p> <p>S26.1 – Significado das atividades realizadas na comunidade – “é gratificante”</p> <p>S26.2 – Sente-se bem e orgulhoso de si mesmo quando recorda o voluntariado que realizou</p> <p>S 26.3 – Considera que o voluntariado que realizou foi importante</p> <p>S25.4 – Gostava de voltar a fazer o mesmo tipo de voluntariado – cuidar das crianças no verão</p>		Percepção importância participação atividades comunidade	Negativa importância atribuída participação atividades comunidade	M26.1 – Não atribui significado às atividades realizadas na comunidade
--	--	---	--	--	--	---	--

Apêndice I

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao professor do jovem A e professor do jovem B

Tabela 4.

Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao professor do jovem A e professor do jovem B

Professor jovem A				Professor jovem B			
Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos	Categoria 3. ^a ordem	Categoria 2. ^a ordem	Categoria 1. ^a ordem	Códigos
Sucesso e in-sucesso escolar	Significado do sucesso escolar	S.e. bom rendimento	PS.1.2 – caso de sucesso – rendimento escolar;	Sucesso e in-sucesso escolar	Significado do sucesso escolar	S.e. bom rendimento	PM.1.2 - sucesso escolar = bons resultados
		S.e. interação positiva comunidade educativa	PS.1.3 – caso de sucesso – boas interações comunidade educativa			S.e. crescimento interior	PM.1.1 - sucesso escolar = crescimento interior PM.1.3 - bons resultados sem crescimento risco futuro PM.1.4 - interdependência bons resultados e crescimento
	Perceção pro-	Sucesso escolar	PS.1.1 – caso de		Perceção pro-		

	fessores sobre fatores facilitadores sucesso	multifatorial	sucesso – diferentes vertentes		fessores sobre fatores facilitadores sucesso		
		S.e. apoio familiar	PS.1.2 – caso de sucesso – a base educativa PS.1.5 – cultura familiar – bom desempenho			S.e. apoio familiar	PM.1.6 – sucesso – apoio família PM.1.5 – sucesso dependente da família
		S.e. hábitos trabalho aluno	PS.1.4 – hábitos de trabalho				
	Significado do insucesso escolar	I.s. lacunas formação aluno	PS.1.7 – insucesso escolar – lacunas na formação de base do aluno		Significado do insucesso escolar	Maus resultados	PM.1.8 - insucesso = maus resultados
						Indisciplina	PM.1.7 - insucesso escolar = aluno indisciplinado
	Perceção professores sobre fatores risco insucesso	Falta de apoio familiar	PS.1.8 – insucesso escolar - família - elo principal da desorientação escolar				

			PS.1.9 – insucesso escolar - falta de orientação familiar				
		Não confiança do aluno na comunidade educativa	PS.1.10 – insucesso escolar - visão dos alunos face à escola e comunidade educativa - fraca capacidade em orientar e guiar				
Integração escolar do jovem	Processo integração escolar	Boa integração	PS.2.1 – A. “integração normal” PS.4.4 – A. “perfeitamente integrado”	Integração escolar do jovem	Processo de integração escolar	Boa integração	PM.2.2 – adaptação muito boa PM.2.4 – boa adaptação para o bem e mal
	Perceção professores sobre fatores pessoais integração escolar	Valores	PS.2.12 – A. valores muito positivos – integração facilitada				
		Adesão normas	PS.4.12 – A. – miúdo respeitador PS.4.20 – A. – conduta exemplar				

			PS.5.3 – A. respeita as regras				
	Fatores turma facilitadores integração escolar	Influência positiva da turma	PS.2.2 – influência positivo – turma PS.2.11 – A. beneficiou pelas características da turma ps.2.15 – fatores turma facilitaram integração de A.				
	Fatores institucionais facilitadores integração escolar	Acompanhamento próximo regular	PS.2.16 – fator determinante – educadora de A. PS.2.22 – fator positivo educadora - cuidado com a formação e educação de A. PS.2.19 – educadora de A. – contacta várias vezes dt de turma PS.2.20 – educadora de A. – acompanha evolução de A.				

		Características pessoais EE	PS.2.17 – educadora de A. – pessoa muito preocupada PS.2.18 – educadora de A. – muito atenta				
		Percepção do jovem que está a ser acompanhado	PS.2.21 – fator positivo educadora - “aluno percebe que está a ser orientado”				
	Interação fatores turma e pessoais facilitadores integração escolar	Sintonia positiva aluno-turma	PS.4.11 – meninos turma têm características semelhantes a A. PS.3.3 – A. semelhante aos restantes alunos da turma – motivados e empenhados PS.6.14 – nível cultural turma beneficiou A. PS.4.18 – características positivas da turma - fator positivo para A.		Interação fatores turma e pessoais facilitadores integração escolar	Sintonia positiva aluno-turma	PM.2.4 - integração facilitada turma partilha mesmas características pouco trabalhadoras PM.2.6 - “sintonia” B. e turma adaptação turma – “brincar” PM.2.2 - adaptação turma “fazer asneiras”

			PS.4.18 – características positivas da turma - fator positivo para A.				PM.2.3 – pouco investimento/ trabalho
		Fator turma calma e serena	PS.2.3 – turma calma PS.4.9 – jovens turma – calmos PS.4.10 – jovens turma – serenos				
		Fator turma maioria género feminino	PS.2.13 – turma de A. – maioritariamente jovens género feminino PS.2.14 – o facto da turma de A. ser constituída maioritariamente por jovens género feminino facilita o trato entre aluno-aluno e professor-aluno PS.4.7 – turma maioritariamente género feminino			Fator turma baixo investimento de B. e colegas	PM.3.3 - investimento de B. e da turma abaixo expectativas professores

		Fator turma características pessoais positivas dos elementos da turma	PS.2.5 – turma – jovens respeitados PS.2.6 – turma – jovens educados PS.4.6 - características e nível de educação extraordinária da turma – fator positivo PS.2.4 – turma – saber estar na sala de aula PS.4.8 – jovens turma – residuais			Fator turma constituída por mais elementos em acolhimento institucional	PM.8.4 – B. não está isolado na turma/outros jovens acolhidos instituições
		Fator turma jovens não são conflituosos	PS.6.13 – elementos da turma – não criam conflitos PS.6.12 – elementos da turma – não são opostos PS.4.17 – “isto vale muito numa turma” – ausência de problemas PS.4.14 – A. - ausência de conflitos			Fator turma de B. os mais velhos da escola	PM.4.5 - Turma B. mais velhos da escola

			PS.4.15 – A. - ausência de discussões PS.4.16 – jovens da turma em geral – ausência de problemas				
		Fator turma exemplar respeito pelas diferenças	PS.6.2 – turma exemplar PS.6.11 – turma-valores diferentes – respeito pelas diferenças				
Turma do jovem	Percepção professores em relação à turma	Turma requer muito dispêndio de tempo professor		Turma do jovem	Percepção professores em relação à turma	Turma requer muito dispêndio de tempo professor	PM.6.4 - características turma exigia muito tempo do professor
		Proximidade professor-alunos				Proximidade professor-alunos	PM.6.3 - proximidade professor de B. e da turma

Perfil do jovem	Processo aprendizagem - fatores intrínsecos ao aluno	Aluno motivado	PS.3.1 – A. é bastante motivado PS.3.4 – A. – motivação - bons resultados ao longo do percurso escolar	Perfil do jovem	Processo aprendizagem - fatores intrínsecos ao aluno	Aluno pouco motivado	PM.3.9 – difícil motivar B.
						Percurso irregular ao longo do ano	PM.3.2 - “mais ou menos motivado” 1º período PM.3.1 - trabalho razoável 1º período PM.3.7 - 2º período = desligar atividades PM.3.10 - desmotivação mesmo em atividades como filmes PM.3.6 - 2º período = desligar da escola
		Aluno empenhado	PS.3.2 – A. bastante empenhado			Aluno não empenhado	PM.3.8 - ausência trabalho PM.3.9 – “não trazia materi-

							al”
						Necessário apoio constante para trabalhar	PM.3.4 - necessidade insistência para m trabalhar
						Inteligente	PM.3.16 – B. rapaz inteligente PM.3.11 – B. inteligente
						Aluno com capacidade para obter melhores resultados	PM.3.14 - melhores resultados se motivado PM.3.12 - capacidade de melhores resultados PM.3.12 - capacidade de melhores resultados PM.3.15- melhores resultados se empenhado

						Aprendizagem resultados mínimos para estágio	PM.3.13 - obteve resultados mínimos para prosseguir para estágio
						Aluno se interessado intervm de forma pertinente	PM.3.16 – participações e intervenções pertinentes nas aulas quando interessado
Relacionamentos interpessoais escola	Relacionamentos interpessoal aluno-colegas de turma	Bom relacionamento aluno-colegas turma	PS.4.1 – relação muito positiva com colegas PS.4.3 – relação de respeito total com colegas PS.4.13 – interação positiva com colegas	Relacionamentos interpessoais escola	Relacionamentos interpessoais aluno-colegas turma	Bom relacionamento aluno-colegas turma	PM.4.1 - relação boa com turma PM.4.2 - relação muito boa malandrice PM.4.3 - boa relação trabalho = comum

	Relacionamentos interpessoais aluno-colegas extra turma	Ausência de conflitos aluno-colegas extra turma	PS.4.2 – relação aberta com colegas		Relacionamentos interpessoais aluno-colegas extra turma	Conflitos aluno-colegas extra turma	PM.4.4 - conflitos com mais pequenos PM.4.6 - conflitos pontuais com mais pequenos PM.4.7 – querer impor-se alunos mais novos
	Relacionamentos interpessoais aluno-professores	Boa relação e interação aluno-professor	PS.5.1 – relação positiva com professores PS.5.2 – ausência de queixas em relação a s por parte dos professores PS.5.3 – professores revelam - saber estar de A. – pilar positivo PS.5.4 – A. interação positiva PS.5.5 – A. – comunicação cordial		Relacionamentos interpessoais aluno-professores	Inconstância na relação aluno-professor	PM.5.1 - oscilação momentos “bem educado” com professores PM.5.2 - oscilação momento “má educação” com professores

						Aluno com processo disciplinar	PM.5.3 - processo disciplinar - problemas relação professora
						Aluno pouca tolerância à autoridade e autoridade feminina	PM.5.4 - dificuldade lidar com autoridade PM.5.5 - percepção maior dificuldade lidar autoridade com figuras femininas
		Desconhecimento de estigmatização sobre aluno	PS.6.3 – professor/3 anos/ausência de valor depreciativo para com A. PS.6.15 – professor nunca sentiu problema de estigmatização para com A.			Desconhecimento de estigmatização	PM.6.1 – Desconhece episódios estigmatização PM.6.2 – Aluno nunca falou em situações estigmatização

		Fatores conduzem ausência de estigmatização - ambiente familiar	PS.6.4 – razões apontadas para ausência de valor depreciativo – família				
		Características familiares dos elementos da turma	PS.6.5 – característica familiar das crianças turma – estruturadas PS.6.6 – característica familiar das crianças turma – sabem receber os outros PS.6.9 – respeito pelas diferenças – valor positivo PS.6.7 - característica familiar das crianças turma- bom relacionamento entre si PS.6.8 - característica familiar das crianças turma – respeito pelas diferenças				

	Percepção professores sobre motivos de ausência de estigmatização	Contacto familiar frequente	PS.7.5 – A. mantém contacto com família ao fim de semana PS.7.6 – família e A. - “não está completamente desintegrado”				
Dificuldades escola integração/progresso do jovem	Dificuldades na escola integração/progresso do aluno	Ausência de barreiras/dificuldades	PS.7.1 – caso A. – inexistência de barreiras PS.7.2 – barreiras - “não senti nada” PS.7.4 – inexistência de problemas no caso de A. PS.7.7 – nenhuma dificuldade sentida pela escola no caso de A. PS.8.2 – caso de A. – ausência de problemas	Dificuldades escola integração/progresso do jovem	Dificuldades na escola integração/progresso do aluno	Presença de obstáculos aluno	PM.7.1 – obstáculo de B. “não querer” PM.7.2 - obstáculo “não ter vontade de” PM.7.3 - obstáculo = atitude oposição

					Percepção professores sobre dificuldade de integração/ processo aprendizagem	Acolhimento institucional tardio	PM.7.4 – institucionalização deveria ser mais cedo PM.7.6 - entrada com idade avançada PM.7.9 - características prévias entrada instituição dificultam integração
						Acolhimento institucional precoce facilitaria resultados	PM.7.5 - entrada mais cedo possibilitaria melhores resultados
						Consequências negativas acolhimento institucional tardio - desajuste psicossocial	PM.7.7 - entrada com vícios PM.7.8 - entrada sem interiorizar figura autoridade

						Consequências negativas acolhimento institucional tardio - desajuste atitude face escola e professores	PM.7.10 - consequências negativas acolhimento tardio – falta de interesse PM.7.11 - consequências = falta de estudo PM.7.12 – consequências = desafio professores
						Consequências negativas acolhimento institucional tardio - desajuste comportamental	PM.7.13 – consequências = comportamento oposição
Resolução problemas jovens acolhidos	Estratégias contexto escolar lidar com problemas	Medidas para corrigir comportamento desviante	PS.8.2 – existência de medidas na escola/ corrigir comportamentos desviantes PS.8.4 – pontes de contacto- corrigir comportamento desviante	Resolução problemas jovens acolhidos	Estratégias contexto escolar lidar com problemas	Disponibilizar atividades práticas	PM.8.6 - proporcionar atividades práticas

		1ºmedida compromisso dt-ee	PS.8.3 – 1ª medida – compromisso entre o diretor de turma e a entidade educadora fora do âmbito escolar			Disponibilizar momentos lúdicos	PM.8.5 - proporcionar momentos lúdicos
		2ºmedida orientação psicológica	PS.8.4 – 2ª medida – orientação para o serviço de psicologia			Escolha seletiva conteúdos disciplinas estimular interesse	PM.8.3 - escolha conteúdos de acordo interesse aluno/ turma
		3ºmedida orientação para professores	PS.8.5 – 3ª medida – “orientação por parte dos professores com os quais se relacionam mais”			Escolha seletiva professores	PM.8.2 - escolha atribuição professores
		4ºmedida supervisão para representantes turma	PS.8.16 – 4ª medida – supervisão por parte do delegado e subdelegado PS.8.17 – aluno reconhece valor no delegado e subdelegado PS.8.18 – delegado e subdelegado			Diálogo	PM.8.1 - diálogo

			– importantes na correção de comportamentos desviantes				
		5ª medida supervisão responsáveis controlo de disciplina	PS.8.19 – 5ª medida (situações mais extremas) – supervisionamento pelos responsáveis de controlo de disciplina na escola				
		6ª medida aplicação sanções	PS.8.20 – 6ª medida (casos mais graves) – aplicação de sanções				
		Importância educação física correção comportamento	PS.8.14 – educação física – importante na correção de comportamentos				

	Perceção professores motivos do comportamento desviante/indisciplina	Criança falta de valorização	PS.11.2 – comportamento desviantes – falta de valorização PS.11.4 – valor não reconhecido/crianças		Perceção professores motivos do comportamento desviante/indisciplina	Histórico indisciplina	PM.10.18 - por trás de indisciplina há uma história PM.10.19 – “por detrás da indisciplina há sempre uma história”
		Ausência de reconhecimento valorativo nos pais	PS.11.5 – “não vêm nos pais esse valor”			Indisciplina influenciada por ambiente familiar económico e social	PM.10.22 - indisciplina influenciada por ambiente familiar/ condições económicas e sociais
						Problemas socioeconómicos levam aumento indisciplina	PM.10.39 – mais problemas socioeconómicos – mais indisciplina
						Ausência espaços livres não acaba com indisciplina	PM.10.39 - ausência espaços lúdicos obstáculo fim indisciplina

	Percepção professores formas cessar comportamento desviante	Fator determinante modo de liderar crianças	PS.11.12 – fator determinante – forma como são lideradas as crianças		Percepção professores formas cessar comportamento desviante	Redução indisciplina quando resolvidas questões socioeconômicas	PM.10.23 - resolver questões socioeconômicas - redução indisciplina
		Fator determinante disciplina	PS.11.13 – fator determinante - disciplina				
		Professores vistos como exemplo	PS.11.14 – professores – jovens vêm como exemplo				
		Necessidade exemplo para crianças/ reconhecem valor	PS.11.16 – dar o exemplo/reconhecimento do valor PS.11.16. necessidade exemplos				

Escola portuguesa	Perceção professores sobre problemas da escola portuguesa	Falta de capacidade vencer motivações extra escolares	PS.10.25 – incapacidade da escola em vencer motivações extraescola	Escola portuguesa	Perceção professores sobre problemas da escola portuguesa	Escola mais baseada na teoria	PM.8.10 - escola mais teórica
						Escola sem resposta para jovens acolhidos instituições	PM.8.11 - escola portuguesa sem resposta para estes miúdos PM.8.15 - escola não tem condições adequadas características destes miúdos
						Importante implementar disciplinas práticas e espaços de lazer	PM.8.12 - necessidade de disciplinas mais práticas PM.8.13 - necessidade mais espaços de lazer PM.8.14 - necessidade mais espaços lazer para se distraírem

						<p>Crianças ausência tempo livre</p>	<p>PM.10.30 - ausência tempo para brincar na idade em deveriam brincar</p> <p>PM.10.38 - ausência tempo livre</p> <p>PM.10.31 - mudanças pedagógicas tiraram tempo livre na escola</p> <p>PM.10.34 - passam dia fechados</p>
						<p>Intervalos curtos impede diálogo com colegas e dispêndio energia</p>	<p>PM.10.36 - intervalos curtos não permite dialogar com colegas</p> <p>PM.10.35 - intervalos curtos</p> <p>PM.10.37 - intervalos curtos não permi-</p>

							tem dispêndio de energia
Papel pedagógico instituição	Percepção professores sobre o que deve ser feito em termos pedagógicos na instituição	Instituição vertente educativa	PS.8.24 – escola instituição – cariz educador				
		Instituição vertente formativa	PS.8.25 – instituição – cariz formativo				
		Instituição acompanhar o desenvolvimento escolar	PS.8.26 – acompanhar o desenvolvimento escolar				
		Instituição acompanhar processo de adquirir competências	PS.8.27 – acompanhar a aquisição de competências				

Articulação informação escola – centro de acolhimento	Articulação escola-centro de acolhimento	Falta de conhecimento articulação transversal	PS.9.1 – articulação transversal – sem conhecimento	Articulação informação escola – centro de acolhimento	Articulação escola-centro de acolhimento	Articulação dt-ee muito boa	PM.9.1 - articulação escola instituição – muito boa
		Articulação normal dt-ee	PS.9.3 – “uma relação normal” PS.9.5 – relação “perfeitamente normal”			dt-ee contacto frequente	PM.9.2 – contacto constante com o ee
		Relação dt-ee igual a relação dt-pai de um aluno	PS.9.4 – igualar à relação pai de um aluno PS.9.6 – relação dt-ee/inst – ausência de diferença			Contacto dt-ee por meio novas tecnologias	PM.9.3 - uso novas tecnologias para facilitar articulação próxima
						Bom funcionamento articulação	PM.9.4 - bom funcionamento da articulação
Experiência pessoal professor jovens acolhidos	Experiência pessoal professor	Experiência enriquecedora	PS.10.1 – “é uma experiência enriquecedora” PS.10.26 – enriquecimento positivo	Experiência pessoal professor jovens acolhidos	Experiência pessoal professor	Longa experiência enquanto profissional	PM.10.2 - longa experiência profissional

			PS.10.27 – enriquecimento pessoal PS.10.28 – “eu vejo isso de uma forma muito enriquecedora”				
						Gosto em ser professor de alunos acolhidos instituição	PM.10.1 – professor experiência emocional “eu por um lado gosto”
		Fortalecimento pessoal/profissional	PS.10.23 – fortalecimento pessoal e profissional				
		Impacto positivo	PS.10.9 – impacto positivo no professor				

	Percepção professores em relação aos alunos acolhimento institucional	Crianças gostam de disciplina	PS.8.8 – “crianças gostam de regras e disciplina”		Percepção professores em relação aos alunos acolhimento institucional	Alunos não aceitam ajuda	PM.10.4 - percepção que apesar esforço alunos não se deixam ajudar
		Jovens precisam orientação saber respeitar	PS.8.9 – dificuldades jovens necessitam orientação não saber respeitar			B. resistente à ajuda	PM.10.5 – B. não se deixava ajudar PM.10.6 – B. não falava dificuldades
		Crianças não saber respeitar regras	PS.8.9 – não saber respeitar as regras			Pouca disposição para estudar	PM.10.26 - fraca disposição de estudar
		Crianças não saber respeitar funcionário	PS.8.9 – não saber respeitar o funcionário			Pouca disposição para trabalhar	PM.10.27 - fraca disposição trabalhar
		Crianças não saber respeitar fila	PS.8.10 – não saber respeitar a fila			Disposição ser violentos	PM.10.28 - disposição de ser violentos
		Crianças não saber respeitar momento intervir	PS.8.11 – não saber respeitar o momento de intervir			Jovens revoltados	PM.10.29 - “eles vêm revoltadíssimos”

		Crianças não saber respeitar professor	PS.8.12 – não saber respeitar os professores				
		Estimular aquisição de valores por pessoas referência	PS.8.13 – estimulação na aquisição de valores por pessoas de referência				
		Crianças acolhidas percebem pais buscam filhos escola	PS.10.7 – pais vão buscar filhos à escola				
		Crianças acolhidas tem percepção colegas vivem com os pais	PS.10.6 – percepção que os colegas vivem com os pais				
		Crianças frustradas	PS.11.3 – crianças frustradas				
	Percepção professores sobre seu papel enquanto docentes	Tocar forma de pensar crianças	PS.10.9 – prof – tocar a forma de pensar das crianças		Percepção professores sobre seu papel enquanto docentes	Professor compreensivo falar para perceber	PM.10.7 – prof falar para tentar compreender

		Tocar forma de sentir crianças	PS.10.10 – prof – tocar forma de sentir das crianças			Perceber a razão da indisciplina	PM.10.9 - perceber o que está por trás da indisciplina
		Não fazer crianças coitadinhos	PS.10.11 – não fazer das crianças coitadinhas			Perceber o que perturba num dia particular	PM.10.10 - perceber o que está a perturbar num momento em particular
		Fazer coitadinho não beneficia crianças	PS.10.12 – fazer de coitadinhos – não beneficia crianças PS.10.13 – fazer de coitadinhos – zona de conforto			Perceber razão de um comportamento ou atitude	PM.10.13 - perceber o porque atitude e comportamento PM.10.15 - compreender comportamento – atitude agressiva para com prof ou colegas
		Mostrar crianças vida tem obstáculos	PS.10.14 – mostrar às crianças que a vida tem obstáculos			Perceber razão de um palavrão	PM.10.14 - compreender comportamento - palavrão

		Mostrar às crianças quem enfrenta obstáculos singra profissionalmente	PS.10.15 – crianças que enfrentam obstáculos/dificuldades – singram a nível familiar/profissional			Perceber comportamento se por maldade ou desentendimento casa ou escola	PM.10.16 - compreender comportamento - se por maldade PM.10.17 - compreender comportamento - se por desentendimento casa/escola
		Induzir valores a A. e levar a refletir	PS.10.16 – incutir valores a A. PS.10.19 – levar A. a refletir – porquês				
		Evitar A. cair no desequilíbrio emocional	PS.10.20 – não deixar A. cair no fosso PS.10.21 – não deixar A. cair no desequilíbrio emocional PS.10.22 – “procurar levantá-lo” – A.				